

BARNABÉ MEDEIROS FILHO
MÓNICA BEATRIZ GALIANO

bairro ~ escola

UMA NOVA GEOGRAFIA DO APRENDIZADO

A tecnologia da Cidade Escola Aprendiz para integrar escola e comunidade



guia editorial

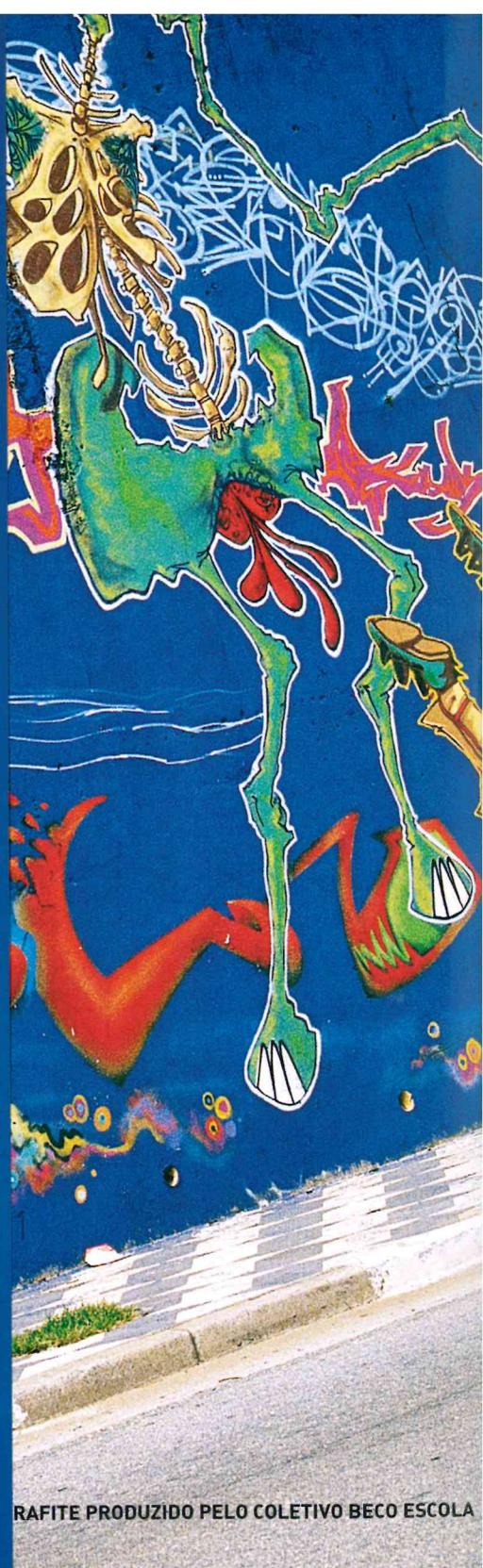
É consenso que a escola sozinha não pode suprir as exigências da nova sociedade de conhecimento.

A melhor maneira de enfrentar este imenso desafio é mobilizar os potenciais educativos de cada comunidade, na perspectiva de fazer com que ensino e aprendizagem passem a ser parte integrante de todas as atividades humanas.

Um pouco deste novo conceito de educação é desenvolvido na Vila Madalena, um pequeno bairro da cidade de São Paulo. A experiência, batizada de Bairro-Escola, é conduzida pela Cidade Escola Aprendiz, uma organização não governamental que, desde 1997, transforma praças, empresas, becos, cinemas, ateliês, escritórios, teatros e centros culturais em salas de aula.

Este livro faz um raio-x deste bem sucedido processo de mobilização social, extraindo seus principais aprendizados. Assim, busca traçar uma estratégia de construção do bairro-escola que possa ser aplicada a diferentes comunidades, mobilizando os potenciais educativos que elas oferecem, sempre respeitando a vocação local.

Os autores



RAFITE PRODUZIDO PELO COLETIVO BECO ESCOLA

BARNABÉ MEDEIROS FILHO
MÓNICA BEATRIZ GALIANO

bairro~escola

UMA NOVA GEOGRAFIA DO APRENDIZADO

A tecnologia da Cidade Escola Aprendiz para integrar escola e comunidade


guia editorial

Este material pode ser reproduzido com a prévia autorização dos autores e da Associação Cidade Escola Aprendiz.

Guia Editorial

Rua Medeiros de Albuquerque, 95, sala 1, Vila Madalena • São Paulo, SP • tel.: 55 11 3815 1109
editorial@guiaeditorial.com.br

Cidade Escola Aprendiz

Rua Belmiro Braga, 146, Vila Madalena, São Paulo • Tel.: 00 55 11 3812 8684
www.aprendiz.com.br

Fotografia Capa: Bob Wolfenson

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Medeiros Filho, Barnabé

Bairro-escola : uma nova geografia do aprendizado : a tecnologia da
Cidade Escola Aprendiz para integrar escola e comunidade / Barnabé Medeiros
Filho, Mônica Beatriz Galiano. -- São Paulo : Tempo D'Imagem, 2005

Apoio: Fundação Abrinq, Unicef, Fundação Educar DPaschoal,
Associação Cidade Escola Aprendiz.

Bibliografia.

ISBN 85-87314-07-6

1. Aprendizagem 2. Bairro-Escola (projeto educacional) 3. Cidade Escola
Aprendiz (São Paulo, SP) 4. Comunidade e escola 5. Professores e estudantes
I. Galiano, Mônica Beatriz. II. Título.

05-6926

CDD-371.19

Índices para catálogo sistemático:

1. Comunidade e escola : Educação
371.19
2. Escola e comunidade : Integração : Educação
371.19



patrocínio



apoio

CIDADE ESCOLA
APRENDIZ

realização

**Agradecemos à
comunidade do Distrito
de Pinheiros e em
especial à comunidade
da Vila Madalena.**

apresentação

Anísio Teixeira, um educador natural da Bahia, que, junto com Paulo Freire e Fernando de Azevedo, forma um seletivo trio de pensadores brasileiros de pedagogia, voltou de seus estudos na Universidade de Columbia, Nova York, imbuído das idéias e dos ideais de John Dewey. Entre outras inovações nos anos 1930, o filósofo norte-americano defendia a idéia de que as pessoas aprendem melhor praticando. Anos depois, essa idéia passou a ser chamada de construtivismo. Dewey também mencionou a falta de uma escola que realmente suprisse as necessidades do estudante, sem disciplinas fixas, pois a vida não é compartimentada e sim formada por um todo indivisível. Este é o fundamento racional, a proposta de uma pedagogia de projetos como um meio de quebrar as rígidas barreiras entre disciplinas, levando o estudante a procurar soluções aos problemas que surgem em cada novo projeto.

Quando retorna ao Brasil, Anísio Teixeira põe sua teoria em prática fundando a Escola-Parque, que se tornou um marco na história educacional do país. Décadas mais tarde, a organização não-governamental Cidade Escola Aprendiz revisita esta experiência do educador com o projeto “Bairro-Escola”. Sua rica experiência emerge vigorosa e aberta a discussões, disposta a mostrar o complexo caminho a outras organizações, especialmente em relação a um projeto que procura ser o mais contemporâneo possível.

O Bairro-Escola é uma das modernas experiências educacionais de um mundo interconectado, onde há uma crescente necessidade de pensamento global partindo das idéias locais, ou seja, o lugar onde as pessoas vivem – as comunidades. Em 2004, mais de 600 jovens se envolveram no projeto. Trabalharam na internet, envolveram-se em grafite, atividades culturais, workshops de arte e trabalho comunitário relacionado à saúde.

Nós, da Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança e do Adolescente – organização que vem atuando por quase 15 anos na defesa de crianças e adolescentes brasileiros – e do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), o defensor-líder dos direitos da criança, atuante em 158 países, nos orgulhamos em ter contribuído para o registro desta experiência enriquecedora e inovadora.

Leve, concisa e objetiva, esta publicação oferece uma ferramenta muito útil para organizações, centros e associações comunitárias que entendam o extraordinário poder transformador de um bairro que se converte em um lugar de aprendizagem como uma escola, representando o primeiro passo em direção a algo que em poucas décadas pode se transformar em uma “cidade-escola”, a cidade que educa. Uma idéia que sem dúvida deleitaria tanto o visionário Anísio Teixeira quanto tem agradado a nós, que visionamos uma cidade que pode um dia se transformar em uma grande escola da vida.

prefácio

Este livro, cujo prefácio tenho a honra de escrever, aborda a experiência da organização não-governamental Cidade Escola Aprendiz, um laboratório de pedagogia comunitária, que vem colocando em prática a proposta de Bairro-Escola. Trata-se de aprimorar simultaneamente a comunidade e a educação, ampliando os espaços de aprendizado em um processo no qual o ato de aprender confunde-se com o ato de conhecer o entorno e de intervir socialmente.

É isso o que fazemos no Aprendiz, especialmente através de atividades de comunicação, artes e esportes, que complementam a educação escolar. Os resultados têm sido extremamente gratificantes. É comum ver o jovem entusiasmado com a idéia de mudar a si próprio através da descoberta de sua identidade, de suas potencialidades e da possibilidade, para ele inusitada, de transformá-las em habilidades concretas.

Fundada em 1997, a Cidade Escola Aprendiz começou como um site na internet, construído numa oficina formada por alunos de escolas públicas e privadas, com o objetivo de disseminar temas relacionados à educação para a cidadania. Com o passar dos anos, outras áreas de conhecimento foram sendo acrescentadas, até chegarmos ao mosaico que a ONG é hoje, com mais de dez programas de aprendizado.

Desde o início fomos orientados pela convicção de que o indivíduo deve ser produtor de conhecimento, os currículos escolares devem ter significado na vida do estudante e que, sem a participação da comunidade, a escola não consegue se adaptar às demandas da sociedade da informação, que exigem aprendizagem permanente.

São estas concepções que estão na base daquilo que hoje chamamos Bairro-Escola. Nele todos educam e todos aprendem, de modo que as experiências desenvolvidas ajudem mais educadores e líderes sociais a nutrir os sistemas de aprendizado. O Bairro-Escola move-se através de parcerias entre escolas, famílias, poder público, empresários, associações, artesãos, ONGs, voluntários e outras forças indispensáveis à educação comunitária.

Na proposta de Bairro-Escola, a tarefa primordial do educador é promover a compreensão do real significado do conhecimento, algo que se adquire no dinâmico processo do aprender fazendo. É compreendendo nossa própria motivação que se pode enxergar a necessidade do outro e assumir um papel na comunidade. E isso ocorre com aquele que aprende fazendo, em quem sempre brota o desejo de difundir e multiplicar os frutos do aprendizado.

Nesse processo, a humildade é imprescindível ao educador, para que ele não só respeite, mas ajude a desenvolver no jovem o espírito crítico, de modo a promover sua formação integral. Dentro dessa visão educacional, as barreiras entre professor e aluno são águas passadas. A reflexão conjunta sobre a realidade facilita o planejar de um projeto de vida, unindo o pensar ao fazer, construindo trilhas numa rede de percursos formativos.

Paralelamente, é função do educador interligar a escola ao seu entorno. E isso poderá ser feito de maneira mais profunda ainda quando houver em cada escola pelo menos um educador comunitário, capaz de mapear as potencialidades educacionais, re-significando para o jovem a comunidade em suas variadas ofertas de aprendizagem.

Depois de oito anos de experimentações e pesquisas realizadas pela Cidade Escola Aprendiz, USP e a Unicamp começaram, em 2005, a disseminar o bairro-escola em programas de formação de diretores e professores das redes estaduais e municipais de São Paulo. As cidades de São Paulo, Praia Grande, São Bernardo do Campo e Taboão da Serra decidiram implementar a figura do professor comunitário para criar e administrar trilhas educativas no bairro e na cidade, integradas à escola. A experiência deverá estender-se, em 2006, para a cidade de Olinda, em Pernambuco.

Para nós, o Bairro-Escola ajuda a construir uma escola mais eficiente e uma cidade mais acolhedora e humana. É isso que queremos mostrar neste livro, para o qual contamos com o apoio do UNICEF, Fundação Abrinq e Fundação Educar DPaschoal, o que muito nos honra.

Miguel Pereira Neto
Presidente da Cidade Escola Aprendiz

sumário

introdução Estratégias e oportunidades *pag. 14*

um O Bairro-Escola e sua base teórica *pag. 17*

dois Como começar: mobilização e visibilidade *pag. 25*

três Meninas e meninos tomam conta do bairro *pag. 33*

quatro Os aprendizes agora ensinam *pag. 43*

cinco A comunidade assume suas crianças *pag. 53*

seis O jovem no mundo da mídia, treinando trabalho em equipe *pag. 61*

sete A empresa abre suas portas aos aprendizes *pag. 69*

oito Novos caminhos para o adolescente que vira adulto *pag. 77*

nove Somando esforços, articulando vontades *pag. 85*

dez A Cidade Escola Aprendiz: seus caminhos e conexões *pag. 93*

Estratégias e oportunidades

Transformar o bairro em uma extensão da sala de aula, de forma que suas praças, becos, ateliês, empresas, cinemas, oficinas, teatros, centros esportivos sejam usados para o aprendizado. É esta a idéia que aqui será detalhada, tendo como referência a experiência de sucesso desenvolvida pela ONG Cidade Escola Aprendiz.

Batizada Bairro-Escola, a proposta do Aprendiz tem como epicentro o bairro Vila Madalena. Mas sua atuação estende-se para outras áreas de São Paulo, a maior cidade do Brasil e da América do Sul, que forma com os municípios vizinhos a quarta maior mancha urbana do mundo.

Coração econômico brasileiro, São Paulo concentra em seu território cerca de 500 mil empresas, que convivem com 1 milhão de desempregados. Trata-se de uma cidade com 10,7 milhões de habitantes, dos quais, 2,6 milhões são crianças (de 0 a 14 anos). Das que têm entre 7 e 14 anos, 96,4% freqüentam escola, mas no conjunto da população ainda há

330 mil pessoas, com mais de 15 anos, que nunca estudaram.

Imersa nesta megalópole cheia de contradições, a experiência da Cidade Escola Aprendiz é ao mesmo tempo brasileira e universal, nutrindo-se de um caldo de cultura que conjuga elementos singulares com outros passíveis de se encontrar na Cidade do México, ou na nigeriana Lagos, ou ainda em Tóquio ou Nova York. A proposta da ONG parte da idéia de que o processo educativo precisa se apropriar da riqueza das ruas, descobrindo trilhas de conhecimento que possam ser percorridas por adolescentes e crianças.

Este livro é dirigido aos que acreditam na importância de mobilizar os potenciais educativos da comunidade, a quem espera ajudar indicando caminhos.

Não é uma descrição exata da experiência do Aprendiz, mas o resultado de uma reflexão sobre esta experiência, realizada junto com seus dirigentes, educadores e coordenadores de programas. Traz uma proposta de implantação de Bairro-Escola como o próprio Aprendiz faria, se hoje fosse começar tudo do zero, portanto considerando o aprendizado extraído de seus acertos e erros.

Ao mesmo tempo, também procura indicar alternativas para além da própria experiência do Aprendiz, ampliando a reflexão e apontando para novos caminhos ainda a serem desbravados.

Os ensinamentos fundamentais vão sempre no sentido da mobilização social, que para sua continuidade precisa gerar visibilidade. E indicam ainda que aproveitar as oportunidades, às vezes inesperadas, é inerente ao roteiro.

Assim, o Bairro-Escola não pode ser construído a partir de receitas precisas, a serem implantadas passo a passo. Ele se assemelha mais a um mosaico, cujas peças surgem de uma mistura de intenção e acaso e são moldadas pelas circunstâncias. De um lado as habilidades e competências que os voluntários podem transmitir, de outro suas limitações. De um lado os recursos que uma instituição ou empresa parceira oferece, de outro seus interesses, seu estilo e objetivos na ação social.

Para que essas peças se ajustem, no entanto, é preciso definir uma estratégia, sem a qual a construção resultaria absolutamente caótica. A estratégia determina o rumo e onde se quer chegar, mas permite variar as trilhas a serem percorridas. Os organizadores precisam estar atentos às oportunidades e aproveitá-las, mas submetendo-as à estratégia que foi traçada.

Neste livro procuramos demonstrar como aplicar estes ensinamentos, começando com ações relativamente fáceis de executar e chegando a programas mais complexos. É, portanto, uma estratégia de construção do Bairro-Escola. Mas que só funcionará se partir da vocação local.

capítulo um

O Bairro-Escola e sua base teórica

A proposta educativa construída pela Cidade Escola Aprendiz foi beber em fontes diversas. Trata-se de um conjunto de práticas pedagógicas cujo embasamento teórico pode ser assim descrito:

Consciência crítica

Respeito à diversidade, educador e seu aprendiz em pé de igualdade, ambos produzindo conhecimento e um aprendendo com o outro. A escuta e o diálogo como recursos pedagógicos, capazes de desenvolver a consciência crítica e o amor à liberdade. Essa concepção, adotada nos diversos programas da Cidade Escola Aprendiz, está em Paulo Freire e sua Pedagogia Libertadora.

Mas a gênese dela pode ser encontrada em William Godwin (1756 - 1836), que no final do século XVIII formulou as bases do que viria a ser uma das bandeiras do anarquismo, a Pedagogia Libertária, cuja missão Kropotkin¹ assim definia: “Difundir a luz por meio da instrução livre de todos os preconceitos da rotina, criar corações que odeiem a tirania e que desde a infância maldigam os exploradores”. No Brasil das duas primeiras décadas do século XX, acompanhando o crescimento do movimento anarquista, a Pedagogia Libertária foi amplamente debatida e teve aplicação nas chamadas “escolas modernas”.

Mais informações sobre:

Paulo Freire: <http://www.paulofreire.org>

Pedagogia Libertária: <http://www.espacoacademico.com.br>

Ver artigo “Pedagogia Libertária e Pedagogia Crítica”, do professor Antônio Ozaí da Silva, na revista Espaço Acadêmico no 42

Aprender fazendo

A Pedagogia por Projetos, que procura unir o saber ao fazer, tem no pedagogo e filósofo norte-americano John Dewey (1859-1952) uma de suas mais importantes referências teóricas. Para ele, o pensamento é estimulado quando há um problema cuja solução demanda atos a serem executados por vontade própria. Dewey defendeu mudar a escola tradicional, com suas disciplinas compartimentadas, propondo o ensino a partir de “ocupações construtivas”, que envolvam o aluno, despertem sua curiosidade e garantam seu interesse.

Na Espanha dos anos 1930, essas idéias tomaram conta da comunidade pedagógica. Ganhou força a proposta de organizar a escola seguindo um plano de tarefas análogo ao que se desenvolve fora dela: em casa, na rua, no trabalho, na sociedade. Mas aqueles foram anos difíceis, marcados pela guerra civil e pelo franquismo, pelo avanço do nazi-fascismo e finalmente pela Segunda Guerra Mundial. Foram anos de retrocesso, que não poupariam as idéias pedagógicas.

Na Europa e nos Estados Unidos, o interesse pela Pedagogia por Projetos vai ressurgir nos anos 1960. Antes disso, no início dos anos 1950, Anísio Teixeira inaugura na Bahia sua Escola-Parque, um projeto do governo estadual para ensino em período integral. Influenciado por Dewey, que conhecera nos Estados Unidos, Teixeira implantou um modelo que unia escola-classe (a sala de aula), com escola-parque, espaço dedicado a atividades práticas e à experimentação.

O educador baiano, junto com Paulo Freire, tornou-se epicentro do intenso e rico debate pedagógico dos anos seguintes, no qual não faltavam ataques de uma parte da Igreja Católica. E, como já havia acontecido na Europa, aqui também viria um período de retrocesso, no caso brasileiro consequência do regime militar implantado em 1964. A utilização dos métodos da Pedagogia por Projetos iria ganhar força no Brasil outra vez a partir da década de 1990, agora influenciada pelas propostas de outros educadores, entre os quais o francês Célestin Freinet.

É neste ressurgir da Pedagogia por Projetos que se insere a Cidade Escola Aprendiz e sua obsessão pelo aprender fazendo. Agora não apenas o fazer concreto e palpável, mas também o fazer virtual do correio eletrônico, dos editores de texto e dos sites na internet. Aliás, esta é outra obsessão da ONG.

Mais informações sobre:

John Dewey: <http://cuip.uchicago.edu/jds>

Anísio Teixeira: <http://www.prossiga.br/anisio Teixeira>

¹ Piotr Kropotkin (1842-1921) - Príncipe russo, da nobreza czarista, que se tornou um dos principais teóricos anarquistas.

Comunidades de Aprendizagem

“O ato de educar é complexo demais - e cada vez está mais complexo - para ficar confinado nas fronteiras da escola.” Esta frase do jornalista Gilberto Dimenstein, idealizador e ideólogo da Cidade Escola Aprendiz, certamente não sofreria qualquer objeção do educador espanhol César Coll ou da equatoriana Rosa Maria Torres. Os dois estão entre os mais conhecidos defensores da idéia de se criarem Comunidades de Aprendizagem, fazendo da educação uma tarefa de todos.

Esta proposta pedagógica vem sendo debatida desde os anos 1970. Na última década, dela derivou experiências importantes, especialmente na Catalunha, região espanhola que tem como capital a cidade de Barcelona, hoje principal centro difusor das Comunidades de Aprendizagem.

César Coll, que vive em Barcelona, é bastante conhecido no Brasil, onde assessorou o Ministério da Educação na formulação dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Ele diz que a expansão do ensino básico obrigatório ao longo do século XX tem levado a uma “crescente des-responsabilização social e comunitária dos temas educativos”. Com isso, a sociedade passa a exigir que a escola dê respostas a praticamente tudo: violência juvenil, consumo de drogas, problemas no trânsito, baixo nível cultural, consumismo, hábito de leitura escasso, Aids, gravidez na adolescência etc.

Rosa Maria Torres, que foi ministra da Educação em seu país (depois de atuar no México, Nicarágua e Argentina), defende uma série de mudanças de paradigma para que a sociedade (e não apenas a escola) enfrente esses desafios. Quer que a educação deixe de ser vista como função da “comunidade escolar” para ser assumida pela “comunidade de aprendizagem”, de forma que diferentes recursos e competências locais possam ser utilizados no processo educativo.

Para tornar isso possível, sua proposta é a “construção de planos educativos territorializados” (cada um especificamente formulado para determinado território), de modo que se possa planejar a partir do que já está em andamento, com ampla participação da comunidade na formulação, execução e avaliação. Na comunidade de aprendizagem imaginada por ela, todos são educadores e todos são aprendizes; desaparecem as barreiras entre educação formal e informal, educação escolar e extra-escolar; todos os órgãos de governo (e não apenas o Ministério da Educação) são responsáveis pela aprendizagem; os projetos têm cunho associativo e de construção de alianças; as inovações se propagam em rede.

Idéias muito parecidas são defendidas pelo movimento iniciado em 1990, em Barcelona, o qual deu origem à Associação Internacional de Cidades Educadoras. Sua carta de princípios declara que uma cidade será educadora “quando reconheça, exercite e desenvolva, além das suas funções tradicionais (econômica, social, política e de prestação de

serviços), uma função educadora, quando assuma uma intencionalidade/responsabilidade e seu objetivo seja a formação, a promoção e o desenvolvimento de todos os seus habitantes, começando pelas crianças e pelos jovens”.

Qual é o sentido do desenvolvimento de nossas cidades? Que lugar ocupam, nas relações humanas, as crianças e os jovens? Que lugar ocupam a inovação e a criação e, portanto, a educação? Estas são algumas das questões que as cidades educadoras se colocam. Barcelona incorporou a essa discussão o conceito de sociedade do conhecimento, estabelecendo em plano estratégico que sua visão é “ser reconhecida internacionalmente como uma cidade do conhecimento”.

Mais informações sobre:

Rosa Maria Torres: <http://www.fronesis.org>

Comunidade de Aprendizagem: <http://www.comunidadesdeaprendizaje.net>

Cidades educadoras: <http://www.edcities.bcn.es>

Laboratório de metodologias

O Bairro-Escola proposto pela Cidade Escola Aprendiz não é uma comunidade de aprendizagem na acepção completa desse conceito. Mas é parte dele e caminho para se chegar até ele. Ademais, é laboratório de teste para metodologias que se apóiam no rico debate que educadores de todo o mundo desenvolvem há pelo menos 200 anos.

Utilizar o noticiário da imprensa, acessível através da internet, para levar o jovem aprendiz a refletir sobre a realidade que o cerca. Está aí um recurso para desenvolver a consciência crítica que tanto Paulo Freire quanto os anarquistas da Pedagogia Libertária com certeza aplaudiriam.

Espaços onde crianças e jovens tanto podem praticar basquete quanto montar um painel em mosaico ou tocar violão. É evidente o parentesco com a Escola-Parque de Anísio Teixeira.

A insistência em levar seu aprendiz a planejar, a ter um projeto para tudo o que ele for executar. Certamente este é um caminho adequado para unir o fazer ao pensar.

O percurso formativo

A incorporação da comunidade a este laboratório pedagógico se dá através do que Gilberto Dimenstein chama de “trilhas educativas”. São caminhos que se abrem conforme os potenciais do bairro, como na presença de um museu, de uma cooperativa de catadores de papel, ou ainda, de alguém que se disponha a dar um curso de velas aromáticas.

O Bairro-Escola aproveita essas trilhas que surgem, mas também constrói e pavimenta outras, mais seguras, para dar consistência ao processo. E, para utilizá-las em conformidade com sua estratégia educativa, define percursos formativos para seus aprendizes.

Há um percurso adequado a cada faixa etária de aprendizes. E há um percurso ao longo dos anos, que hipoteticamente o aprendiz pode percorrer desde criança, passando pela adolescência e continuando até ser um jovem adulto. Nem todas as trilhas precisam ser percorridas, muitas desaparecem de um ano para outro, outras surgem ou se transformam. O Bairro-Escola e seus percursos estão em permanente construção.

O PROFESSOR COMUNITÁRIO E O PAPEL DA ESCOLA

Para mobilizar as forças locais e construir suas trilhas educativas, é condição essencial que o Bairro-Escola seja assumido por uma liderança reconhecida, que tenha na educação um de seus focos. A escola é a primeira candidata a exercer tal papel.

Há que considerar, no entanto, que pouquíssimas escolas têm esta visão do processo educativo. E mais raras ainda são as que se preocupam em estabelecer ligações de parceria permanente com a comunidade, exercitando sua liderança para além de umas poucas atividades pontuais.

A Cidade Escola Aprendiz têm atuado no sentido de reforçar o papel da escola, em ações nas quais conta com o apoio e a parceria do governo paulista e de algumas secretarias municipais de Educação. Uma das propostas é criar

“professores comunitários”, função que Gilberto Dimenstein assim descreve:

Trabalhando dentro da escola, o professor comunitário será a solução mais barata e eficiente para se criar um Bairro-Escola. Essa é uma das principais conclusões tiradas nesses quase oito anos de experimentação da Cidade Escola Aprendiz.

Seu papel será o de animador educacional, capaz de fazer a ponte entre a escola e seu entorno, seja o bairro, seja a cidade. É o indivíduo que, assessorando a direção da escola, faz um mapeamento das potencialidades educacionais da comunidade, estabelecendo parcerias com cinemas, teatros, empresas, indústrias, salas de concertos, museus, ONGs, fundações. Ou seja, transforma esses espaços em salas de aula.

Há pelo menos três meios de se criar o professor comunitário:

- 1.** Como parte da carreira do magistério: alguém da escola encarregado de criar pontes com a comunidade. É como será em São Bernardo do Campo, cidade vizinha a São Paulo, onde se decidiu fazer um projeto de lei para que essa função tenha definição legal, assumida por professores.
- 2.** Contratado não pela escola, mas pela Associação de Pais e Mestres.
- 3.** Contratado por empresas ou pela comunidade para atuar dentro da escola. É o caso da escola estadual Rodrigues Alves, em São Paulo, que tem um professor comunitário bancado por uma empresa.

Seja qual for o mecanismo de contratação, esse profissional deverá passar por uma capacitação para que, entre outras coisas, possa conhecer:

- Experiências no Brasil e no exterior de envolvimento da comunidade e escola.
- Lideranças do terceiro setor, de forma que se possam estabelecer parcerias, tirando proveito dos projetos gratuitamente ofertados.
- Experiências curriculares que usam a comunidade para re-significar as matérias tradicionais, instigadas pelo cotidiano.
- Formas de elaboração de projetos e de captação de recursos.
- Sistemas de monitoramento e avaliação dos programas.

Outras lideranças

O professor comunitário pode ser o ponto de partida para se implantar uma proposta de Bairro-Escola. Mas, com ou sem ele, outras lideranças, talvez mais fortes e mais bem articuladas que a escola, precisam ser trazidas para a linha de frente. Pode ser a subprefeitura, ou uma associação de empresas, ou a Sociedade Amigos do Bairro, ou ainda uma fundação empresarial.

Em muitos casos, talvez o Bairro-Escola comece por aí, a partir da junção de forças como estas, capazes de mobilizar recursos e com prestígio para rapidamente agregar outros parceiros. Mas, por maior que seja a liderança desses grupos, uma aliança com a escola sempre será fator decisivo e se for estabelecida desde o início muitos caminhos serão encurtados.

Peça fundamental deste arranjo, especialmente enquanto não se puder contar com um professor comunitário, é o diretor da escola. Quando ele é naturalmente um líder, capaz de motivar professores e alunos, de trazer os pais para dentro da escola e de se compor com a comunidade, tudo fica mais fácil. De qualquer forma, sempre será possível empoderá-lo, promovendo encontros, facilitando-lhe contatos, abrindo portas enfim. O essencial é que ele esteja disposto a sair dos limites burocráticos de sua função.

capítulo dois

Como começar: mobilização e visibilidade

Iniciar um projeto de Bairro-Escola requer pessoas dispostas a mobilizar as forças de sua comunidade e com credibilidade para fazê-lo. Caso essas pessoas tenham o aval e os recursos de uma associação do bairro, ou de uma escola, ou de uma ONG, ou de outra instituição reconhecida pelos moradores, seu trabalho certamente ficará mais fácil.

Contar com uma estrutura, entre outras coisas, amplia a credibilidade dos organizadores. Mas também é possível imaginar um processo autóctone, em que tudo comece pela ação capaz de criar as condições para que seja montada uma estrutura de apoio. Muitas coisas, em muitas comunidades, começam assim: primeiro as pessoas se articulam para fazer algo, aos poucos vão solidificando laços, até se organizarem como instituição de caráter permanente.

Em qualquer hipótese, a ação é sempre um excelente ponto de partida. Mas, para que sirva de centelha ao Bairro-Escola, ela precisa reunir pelo menos quatro características:

- Estar ligada à vocação do bairro ou responder a uma necessidade local.
- Ser mobilizadora, capaz de atrair as pessoas por ser algo que elas querem e podem fazer e por lhes abrir a oportunidade de agir em conjunto com outras pessoas.
- Ter capacidade de gerar visibilidade, ser comentada no bairro, virar notícia, de forma que sua continuidade atraia mais pessoas.
- Ter uma proposta de continuidade capaz de se ligar à idéia de Bairro-Escola. Para tanto, é necessário responder à seguinte pergunta: Como as pessoas mobilizadas para aquela ação poderão depois se envolver em um trabalho educativo?

Com os grafiteiros em ação

A proposta que será descrita a seguir consiste em usar um movimento já consolidado como força propulsora de mobilização e visibilidade. O modelo apresentado tem como base o grafite, que utiliza muros e paredes para transmitir uma mensagem visual de inconformismo. Trata-se de ganhar esses jovens para a idéia de Bairro-Escola, começando por construir com eles formas de intervenção urbana organizadas.

Roteiro de uma atividade

O ponto de partida no modelo proposto é uma ação de intervenção urbana, envolvendo um grupo de grafiteiros. O roteiro apresenta os seguintes passos:

- Identificar jovens do bairro que se dediquem ao grafite e a outras manifestações de hip-hop;
- Conseguir patrocínio (por exemplo, uma fábrica de tintas).
- Identificar o local da intervenção. O ideal é que seja uma área degradada, na qual o trabalho dos grafiteiros seja parte de um processo de recuperação.
- Solicitar autorização tanto ao poder público municipal quanto aos moradores das imediações da área a ser pintada.
- Divulgar a ação no bairro e convidar a população a participar.
- Envolver os meios de comunicação, chamá-los a noticiar e a se unirem à intervenção.
- Fazer uma festa para inaugurar a obra, com ampla divulgação no bairro.

O projeto

É importante construir um projeto, em conjunto com o grupo de grafiteiros. Não apenas o planejamento do grafite em si (o que será pintado, qual a linha artística, recursos necessários etc.), mas um projeto de toda a ação. Será necessário limpar a área? Que outras coisas podem-se fazer, além do grafite? No dia da inauguração haverá outros tipos de manifestação cultural? Qual o nosso objetivo com esta intervenção? Como faremos para que a comunidade se aproprie da área e a conserve?

A construção do projeto, de forma compartilhada por todo o grupo, é fundamental. A partir dessa reflexão coletiva é que se começa a assentar as bases de atividades permanentes e a se lançarem propostas capazes de colocar em pé o Bairro-Escola.

Ao mesmo tempo, não é fácil fazer com que jovens, acostumados a simplesmente agir, parem, reflitam e planejem. Provavelmente, isso precisará ser introduzido aos poucos, com algumas formas não estruturadas de planejamento na primeira ação, que vão se aprimorando à medida que o grupo se acostume a trabalhar junto. Depois da segunda intervenção urbana já é possível começar o próximo trabalho de elaboração de projetos.

O núcleo de aprendizado e experimentação

Além de insistir no planejamento, é preciso estabelecer formas de atividade permanente. Neste modelo, a proposta é montar um núcleo de aprendizado, aprimoramento e experimentação, centrado no grafite. Para isso, duas condições são essenciais:

- Dispor de espaço para testar técnicas e materiais. Um galpão com boa luminosidade seria o ideal, mas também pode ser um simples beco a céu aberto, no qual se consiga uma garagem para guardar tintas e equipamentos.
- Articular-se com artistas plásticos para que estes venham periodicamente trocar experiências com os jovens grafiteiros (ensinar e aprender).

A partir deste núcleo é possível desenvolver uma série de atividades que vão conformando o embrião de um Bairro-Escola:

- Formar grupos de crianças e adolescentes que uma vez por semana vêm aprender técnicas de grafite.
- Levar grafiteiros experientes para falar em escolas e mostrar um pouco de sua arte.
- Aproximar os grafiteiros das oportunidades culturais que a cidade oferece, ampliando assim seu universo de experiências e conhecimentos.
- Abrir oportunidades de contato com empresas para o patrocínio de trabalhos.
- Desenvolver formas de profissionalização dos jovens a partir do grafite: produtos de moda, parcerias com empresas, campanhas publicitárias.
- Criar eventos, organizar cursos, preparar grupos de jovens para replicar as mesmas experiências em outros bairros.

Ações alternativas

Naturalmente, atividades como as que foram descritas só são possíveis em bairros onde o grafite seja uma força importante, capaz de mobilizar os jovens. Mas muitas outras ações podem produzir os efeitos desejados, que são atrair pessoas, gerar visibilidade, promover a apropriação dos espaços públicos e estabelecer um núcleo de aprendizado e experimentação. Alguns exemplos:

Meio ambiente - Em cidades ou bairros com vocação para o turismo de natureza, ou onde a questão ambiental apareça com força na preocupação das pessoas, a ação mobilizadora talvez seja de cunho ecológico. Por exemplo: um grande mutirão para limpar as margens de um rio, que inclua música, poesia e arte circense. A continuidade pode ser a formação de um núcleo de aprendizado e experimentação, de onde saiam projetos de reciclagem de lixo, grupos de jovens para dar palestras sobre meio ambiente, cooperativas de catadores.

Saúde - Em muitos lugares, pode-se adotar o mesmo tipo de mutirão para combater uma doença endêmica, como a dengue, tão comum no Brasil. Brigadas de jovens para vigiar o surgimento de novos focos de insetos e cursos sobre higiene e saúde seriam alternativas para dar continuidade à ação inicial e estruturar o núcleo de aprendizado.

Cultura popular - Há diversas regiões onde o folclore, com suas danças e trajes coloridos, é uma força muito valiosa, capaz de inspirar ações mobilizadoras. Em muitas cidades, esta força é o Carnaval. Tenha a forma que tiver, a cultura popular será sempre uma fonte de idéias para os mais variados projetos, para atividades com jovens e para se estruturar um núcleo de aprendizado.

Algumas lições da experiência

- Grafite é uma arte iconoclasta e rebelde. Para muitos grafiteiros, atividades como a descrita neste modelo vão soar como tentativa de domesticar e enquadrar aquilo que, enquadrado, deixa de ser grafite. Se for este o problema, que a chamemos de pintura mural.
- Seja que nome tiver, a liberdade estética é imprescindível. Por isso, questões como a necessidade de ter um projeto e eventuais limitações individuais colocadas pelo trabalho em equipe devem ser debatidas e decididas pelo grupo.
- Cada vez mais, o grafite vem sendo reconhecido como arte e aceito pelas pessoas, que o diferenciam da pichação. Um trabalho de grafiteiros no muro de casa já é motivo de orgulho, além de ter uma utilidade bastante prática: pichador respeita parede grafitada e não a usa para seus rabiscos.
- Mas grafite é um trabalho provocativo, feito para chocar (às vezes com a intenção de levar a uma reflexão) e isto ainda incomoda muita gente. Por isso, em atividades como a deste modelo, é necessário saber antes se os moradores aceitam o grafite e queiram dialogar com eles. Mesmo que o grupo venha com uma licença da Prefeitura para a ação.
- Nem só de muros e paredes vive o grafiteiro. Postes, orelhões, bancos de praça e o próprio chão também são espaços para o grafite.
- Para conhecer mais este tema, uma boa fonte é o site www.artcrimes.com. É em inglês mas traz links de sites do mundo inteiro sobre grafite.

O PROGRAMA INTERVENÇÕES URBANAS

O modelo de atividades deste capítulo é o do Programa Intervenções Urbanas, mantido pela Cidade Escola Aprendiz. Este Programa derivou do Projeto 100 Muros, que ao longo de 30 meses mobilizou crianças e jovens para compor painéis de mosaicos em 100 muros da cidade de São Paulo. Misto de agitação cultural, experiência pedagógica e estratégia de ocupação dos espaços urbanos, o Projeto 100 Muros, em sua fase final, incorporou também um grupo de grafiteiros, que depois iria formar o núcleo inicial do Intervenções Urbanas.

Hoje, este Programa é referência quando se fala em arte de

rua em São Paulo. Conta com um ateliê (também usado por outros programas da ONG) e com o Beco Escola como espaços de experimentação. Suas intervenções já se espalham por bairros muito além da Vila Madalena, onde se situa a Cidade Escola Aprendiz.

E a maioria destas intervenções conta com apoios importantes, como o da Coordenadoria da Juventude da Prefeitura paulistana, ou da Fundação Bank Boston, além do patrocínio de fábricas de tintas. Parceria com a Cooperativa de Artes Visuais do Brasil propicia um encontro semanal de grafiteiros e artistas plásticos.

ESPAÇOS DE APRENDIZADO E CONVIVÊNCIA

Pode-se dar início a uma proposta de Bairro-Escola simplesmente usando os espaços que a própria comunidade coloca à disposição dos organizadores. O auditório de um centro cultural para reuniões, uma sala em uma ONG como quartel-general, um beco para as experiências dos grafiteiros etc.

Com o desdobramento dos projetos, começam a surgir necessidades cada vez maiores de espaços permanentes (além de materiais, equipamentos, mão-de-obra remunerada etc.). Essa batalha, que é a batalha da sustentação do Bairro-Escola, talvez seja a mais fácil de vencer. Dentro de limites razoáveis, na maioria das cidades não faltam recursos, seja da iniciativa privada, seja do poder público, para projetos de qualidade, capazes de gerar visibilidade e de empolgar a população.

Cabe lembrar, porém, que, além de ter áreas apropriadas para o aprendizado, os organizadores precisam pensar também em construir espaços de convivência. São nestes

que as idéias surgem, as vontades se juntam e as peças do Bairro-Escola se soldam.

Café Aprendiz - No caso da Cidade Escola Aprendiz, três espaços cumprem essa função. Há o Beco Escola, que funciona como galeria de arte a céu aberto, espaço dos grafiteiros e dos praticantes de skate; a Praça Aprendiz das Letras, usada pelas crianças da Escola na Praça e para sessões de cinema ao ar livre, entre outras atividades; e o Café Aprendiz, mistura de cibercafé, com espaço para reuniões informais, exposições de arte e cursos.

No Café Aprendiz, além de saborear boa comida e encontrar os amigos, pode-se navegar na internet e ler as revistas que ficam à disposição da clientela. Mas a cozinha também serve a aulas de culinária, e a sala de computadores recebe idosos, uma vez por semana, para curso de informática. Sucesso em São Paulo, o café virou ponto de encontro de profissionais e voluntários que atuam em instituições do terceiro setor.

capítulo três

Meninas e meninos tomam conta do bairro

Realizar ações de sucesso e, a partir delas, construir um núcleo de aprendizado e experimentação para jovens, conforme descrito no capítulo anterior, significa assentar o alicerce do Bairro-Escola.

Mas para erguer um edifício a partir daí será necessário perseguir três novos objetivos:

- Estruturar atividades cada vez mais regulares e permanentes.
- Montar uma equipe profissional.
- Ampliar o leque de públicos atingidos, tanto do ponto de vista da faixa etária quanto dos interesses e necessidades.

Para atingir mais rápido esses objetivos, a melhor estratégia é sustentar-se sobre o que já está sendo feito. Ou seja, usar as competências desenvolvidas no núcleo de aprendizado e apoiar-se no reconhecimento público por ele conquistado. Este é o caminho da credibilidade, fundamental tanto para conquistar parceiros e levantar recursos quanto para mobilizar mais pessoas e novas competências, necessários à construção do Bairro-Escola.

Descobrimo e apropriando-se com arte

Se a arte do grafite foi o ponto de partida, é nela que vamos sustentar uma outra iniciativa, também voltada para os jovens, mas agora com caráter de programa, ou seja, capaz de se tornar permanente. Meninas e meninos em busca de caminhos na vida vão descobrir o bairro e apropriar-se de seus espaços públicos, processo no qual a arte terá papel importante. Ao longo deste percurso vão também aplicar e reforçar os conhecimentos aprendidos na escola regular.

O modelo consiste em atividades regulares, com todos experimentando um pouco de tudo: artes plásticas, informática, passeios culturais, atividades de comunicação.

Vão conhecer melhor o bairro, promover mudanças na paisagem, aprender a utilizar os recursos da cidade, num processo que implica autoconhecimento e exercício de suas potencialidades. O “aprender fazendo”, da Pedagogia por Projetos, estará presente na maioria das atividades.

Os aprendizes

A proposta é trabalhar com um grupo numeroso de adolescentes, relativamente homogêneo apenas quanto à faixa etária (por exemplo, de 16 a 18 anos). Nos demais aspectos, o que se busca é a diversidade:

- Diferentes estratos socioeconômicos.
- Escolaridade heterogênea.
- Alunos de escolas públicas ou particulares.
- Diversidade racial, cultural etc.

Trata-se de construir um programa dirigido a diferentes públicos de adolescentes do bairro, expô-los aos contrastes e levá-los a cooperar uns com os outros, independentemente de suas diferenças. Pode-se atender um grupo de 60 meninas e meninos, divididos em duas turmas (manhã e tarde), mas com algumas atividades em conjunto.

A equipe

Será necessário ter uma pequena equipe assalariada, que poderá crescer conforme a disponibilidade de recursos e a expansão do Programa. Como estrutura mínima sugere-se:

- Um pedagogo, com experiência em educomunicação. Na falta deste, um profissional de educação com interesse no uso de ferramentas da comunicação no processo educativo.
- Um arte-educador ou artista plástico com conhecimentos de pedagogia.

A esses profissionais, agregam-se voluntários, entre os quais é fundamental dispor de:

- Grafiteiros e/ou artistas plásticos.
- Profissionais com bons conhecimentos no uso da informática.

Muitos outros voluntários podem se incorporar, cabendo aos organizadores do programa e à sua equipe assalariada estar atentos a oportunidades capazes de contribuir com o processo educativo:

- Artesãos podem ensinar os rudimentos de seu ofício.
- Jornalistas e publicitários, dar uma oficina de comunicação.
- Atrizes e atores, encenar uma peça com os aprendizes.

Além de atrair voluntários, é possível enriquecer mais ainda o programa com a participação de estagiários, enviados por estabelecimentos de ensino superior:

- Psicólogos podem dar orientação vocacional.
- Fonoaudiólogos, ajudar na expressão oral dos aprendizes.

O sistema

Duração: Um ano letivo, com atividades quatro dias por semana, envolvendo cerca de três horas por dia.

Estrutura: Ao longo do primeiro semestre, os aprendizes vão conhecer algumas técnicas artísticas, aprender a utilizar computador e mapear o bairro. No segundo semestre, suas energias estarão voltadas principalmente para preparar e executar uma intervenção urbana, capaz de intervir na paisagem de alguma área do bairro. Tudo isso entremeado por discussões, atividades culturais, oficinas diversas.

O aprendizado: Naturalmente, o grafite está no currículo, mas outras formas de arte visual também podem entrar, conforme a disponibilidade de voluntários para ensinar: por exemplo, pintura em azulejo e técnicas de construção de mosaicos. O objetivo é preparar os aprendizes para a intervenção urbana que eles farão no segundo semestre.

O uso do computador também vai ajudá-los na atividade do segundo semestre, além de ser indispensável para o desenvolvimento de outras tarefas. A internet, correio eletrônico, como fazer pesquisa na rede mundial e o uso de um editor de texto são os principais itens nesta fase. Como no grupo certamente haverá vários aprendizes hábeis com o computador, a proposta é que eles ensinem os demais, auxiliados por um voluntário.

Dia de reflexão - Ao longo de todo o ano, haverá um dia de reflexão por semana, com as duas turmas juntas. Os aprendizes vão fazer um balanço da semana, comentar o que andaram fazendo, revelar suas inquietações, planejar atividades conjuntas.

Item importante desse dia será a discussão do noticiário da imprensa, de forma a colocá-los em contato com uma realidade ampla e complexa: o mundo que a mídia registra, sem verdades definitivas, cheio de pontos de vista conflitantes. Trata-se igualmente de uma oportunidade para fazer a ligação da História ensinada nos bancos escolares com as situações e problemas dos nossos dias.

Roteiro cultural - Em outro dia, eles sairão para um roteiro cultural: visitar uma exposição de arte, assistir a um filme, conhecer um museu, uma biblioteca. Vão aprender a se locomover na cidade, que tantas coisas oferece, mas também intimidada. Muitos estarão entrando pela primeira vez em um museu, em uma exposição, ou até mesmo em um cinema.

Os Guias do Bairro - Ainda no primeiro semestre, as duas turmas de aprendizes, divididas em grupos, irão conhecer em detalhes a comunidade onde vivem. Sobretudo entrevistarão pessoas para saber qual o trabalho de cada uma, do que gostam, onde fazem suas compras, por onde caminham etc.

Cada grupo, a partir dessas entrevistas, montará um Guia do Bairro, para determinado público. Pode ser, por exemplo, um guia para jovens, ou para idosos, ou para deficientes físicos. Os aprendizes usarão computador tanto para completar informações, com pesquisa na internet, quanto para redigir e editar os textos. As aulas de Português terão nesses guias uma aplicação prática.

Envolvendo as pessoas - As entrevistas e o mapeamento do bairro ajudam a preparar a intervenção urbana do segundo semestre. Novamente os aprendizes vão percorrer o bairro, desta vez para decidir o que fazer, onde fazer e para ouvir a opinião das pessoas. A proposta é envolver a população da área, fazê-la participar e se apropriar da obra dos aprendizes.

O projeto - Depois é necessário montar um projeto para a obra, tanto gráfico quanto conceitual. Ou seja, os jovens terão que aprender a colocar suas idéias por escrito (mais um reforço dos conhecimentos de Português), para redigir o projeto. Deverão também aprender a usar programas mais sofisticados de computador, para edição de imagens e apresentação gráfica do projeto.

Parte importante do projeto é o orçamento da obra: matérias-primas que serão utilizadas, quantidades, custo. Mostrar aos jovens como se faz um orçamento e como contabilizar cada item é também uma maneira de aplicar e reforçar seus conhecimentos de Matemática.

Mudando a paisagem - O que será feito na área escolhida provavelmente vai misturar grafite com outras técnicas que os jovens tenham aprendido. O importante é que a obra ajude a mudar a paisagem e que seja do agrado das pessoas, que assim vão assumi-la como parte de um processo de revitalização local.

Para tanto é preciso fazer a população participar. Trata-se de um processo de mobilização, conduzido pelos aprendizes, que terão de divulgar o projeto, chamar as pessoas para ajudar a executá-lo, ensinar a fazer e organizar a festa de inauguração.

Adaptando o modelo

O modelo aqui apresentado é uma continuidade do que foi proposto no capítulo anterior. Portanto, se como ação inicial, mobilizadora da comunidade, tiver sido escolhido outro tema, o mais adequado é continuar com ele, fazendo uma adaptação deste modelo.

Há, porém, algumas idéias fundamentais, mostradas neste capítulo, que precisam ser consideradas ao se adaptar o modelo. São elas:

- Levar os aprendizes a interagir com o bairro e a conhecer melhor a cidade onde vivem, aprendendo a utilizar seus recursos e ganhando segurança para entrar em lugares públicos que eles habitualmente não freqüentam.
- Introduzir aprendizados fundamentais aos jovens (por exemplo, o uso do computador e da internet, ou como redigir o currículo para concorrer a um emprego).
- Fazer com que o aprendizado resulte em produtos (como os Guias do Bairro e a intervenção urbana), nos quais os jovens possam aplicar os conhecimentos adquiridos. A edição de um “Jornal do Meio-Ambiente” e objetos feitos de lixo reciclado poderiam ser os produtos, se a ecologia for o tema adotado.

Outros exemplos de possíveis produtos:

- Palestras dadas pelos aprendizes.
- Folhetos com orientações de saúde.
- Fantasias e adereços.
- Um grupo folclórico, um bloco de Carnaval.
- Ensinar aos jovens como se faz um projeto e orientá-los a aplicar este conhecimento nas diversas atividades propostas.
- Fazê-los mobilizar o bairro, levando as pessoas a participar das atividades.

Algumas lições da experiência

- É importante criar um ambiente participativo e de confiança com os jovens. Para tanto, devem-se compartilhar decisões com eles, evitando-se trazer idéias prontas e acabadas.
- O programa precisa abrir um amplo leque de atividades, de forma a contemplar as diferentes habilidades e vocações dos aprendizes.
- Muitos jovens, mesmo participando do programa por sua própria escolha, tendem

a fazer apenas aquilo que alguém determina como tarefa. Este é um aspecto importante a discutir com eles. Trata-se de levá-los a encarar a vida não como uma seqüência de obrigações, mas como um processo de realizações: fazer para si e não porque os outros mandam.

- Ao mesmo tempo, insistir na co-responsabilidade, deixando claro que há regras a serem seguidas; caso contrário, não se consegue trabalhar em equipe.
- É fundamental incentivar a experimentação.
- A internet pode ser um instrumento importante para ajudar os aprendizes a desenvolver consciência crítica: com ela é muito fácil conhecer diferentes posições sobre um mesmo tema.
- Os agentes comunitários de saúde constituem uma fonte importante no mapeamento do bairro.
- Todas as pessoas que participam do programa precisam assumir os dois papéis, o de aprendiz e o de educador. Meninas e meninos aprendem, mas também transmitem conhecimentos aos colegas e ao próprio educador, que igualmente deve estar aberto a aprender.

O PROGRAMA TRILHAS URBANAS

Inspirado no Programa Trilhas Urbanas, da Cidade Escola Aprendiz, o modelo descrito neste capítulo não é uma cópia exata dele. É uma reconstituição de seus processos, na qual se procura apresentar uma metodologia e transmitir aprendizados.

O Trilhas Urbanas, iniciado em 2004, trabalhou em seu primeiro ano com 50 aprendizes, encaminhados pela Prefeitura de São Paulo. Com idades

entre 16 e 20 anos, todos eles recebiam a Bolsa Trabalho Renda, benefício concedido pela municipalidade para que o jovem continue estudando e tenha uma capacitação adicional. Além da Prefeitura, são parceiros neste Programa a UNESCO, o Instituto C&A e os cinemas Espaço Unibanco e Sala Uol, nos quais os aprendizes pagam ingressos a preços simbólicos.

A DIFÍCIL ARTICULAÇÃO COM A ESCOLA

Em qualquer experiência de Bairro-Escola é fundamental estar em contato e articulado com as escolas. Nem sempre isso é fácil. A maioria abre suas portas e incentiva os alunos a participar dos projetos, mas poucas estão prontas a se envolver efetivamente na proposta e incorporá-la à prática escolar.

Com as escolas públicas esse tipo de envolvimento é mais difícil ainda. Na maioria delas, alunos, professores e pais constituem grupos estanques, que se comunicam mal e muitas vezes estão em conflito. Mudança de diretor e transferência de professores dificultam o desenvolvimento de trabalhos de longo prazo.

Não há uma receita infalível para superar essas barreiras, mas alguns caminhos podem ser indicados:

- Envolver os professores - Não basta trazer os alunos, é preciso envolver os professores nos projetos. Para tanto, no caso da escola pública, um apoio importante é o das delegacias de ensino e secretarias de Educação, que podem incluir a participação nas atividades do Bairro-Escola, no sistema de pontos que determina a progressão na carreira de professor.
- Unir o corpo escolar - Projetos que reúnam, em pé de igualdade, alunos e professores ajudam a estabelecer o diálogo dentro do corpo escolar.
- Inserir o diretor na comunidade - Organizar "cafés da manhã" (ou "chás da tarde") com o diretor, professores e pessoas da comunidade ajuda a quebrar barreiras.

A idéia é, a partir destes encontros, trazer a comunidade para dentro da escola.

- Criar o cargo de Professor Comunitário - Esta idéia, que já começa a ser aplicada em São Paulo (conforme descrito no capítulo I), pode até mesmo ser o ponto de partida para a construção do Bairro-Escola.

Expressões Digitais

O Programa Expressões Digitais, da Cidade Escola Aprendiz, começou em 2004 a testar estas e outras idéias. O projeto, inicialmente com dez escolas e que tem o apoio da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo e da Microsoft, vem procurando levar as propostas de Bairro-Escola para dentro da rede pública.

Sua estratégia inclui oficinas reunindo 60 pessoas (quatro alunos e dois professores de cada escola), complementadas por seis meses de formação e vivência na Cidade Escola Aprendiz. Os seis representantes de cada escola irão depois se constituir em grupos capazes de atuar como multiplicadores da proposta junto aos colegas. Cada grupo decide os projetos que vão executar, tendo a maioria deles optado por estruturar e pôr para funcionar um veículo de comunicação da escola (um site, um jornal mural, uma rádio interna etc.). Os grupos contam com apoio e consultoria, a distância e na própria escola, da equipe do Expressões Digitais.

capítulo quatro

Os aprendizes
agora ensinam

O Bairro-Escola cresce na medida em que consegue envolver públicos cada vez mais diversos, como educadores ou como aprendizes. E, quanto mais ele cresce, mais se confundem os papéis, pois ensinar é também uma forma de aprender. E vice-versa.

Informática para idosos

Este capítulo traz um modelo de programa no qual o jovem deixa de ser aluno, para assumir a função de educador voluntário, ensinando o idoso a usar computador e navegar na internet. Ao mesmo tempo, o idoso, de quem habitualmente se espera que transmita sua experiência, coloca-se no papel de aluno, em uma área na qual tudo é novo para ele.

É uma rica experiência, que envolve encontro de gerações, ajudando a superar o fenômeno da “segregação etária”, típico de nossos dias, nos quais avós e netos cada vez se relacionam menos, em prejuízo de ambos. Os primeiros são colocados à margem do convívio familiar e social, enquanto os segundos deixam de se preparar para um futuro no qual a proporção entre jovens e idosos na sociedade vai se inverter.

Promover a inclusão digital do idoso é tirá-lo do isolamento. Ele poderá encurtar distâncias através do correio eletrônico, fazer viagens virtuais, ler jornais de todo o mundo, o que significa manter contatos e atualizar-se. E a própria oficina de informática da qual

participa semanalmente assume também a função de centro de convívio.

Fazer com que o jovem atue como educador ajuda em seu processo de amadurecimento, desenvolvendo nele senso de responsabilidade, flexibilidade, maior capacidade de entender os outros. É também um caminho para levá-lo a participar mais de sua comunidade e a engajar-se em ações sociais, além de valorizar o papel do professor.

Oportunidades de entendimento

O que o programa tem de mais importante não é o ensino de informática, mas as oportunidades de entendimento que abre, criando um espaço onde jovens e idosos podem relacionar-se de maneira mais inteligente. Os voluntários começam a compreender que os idosos são pessoas tal qual eram quando jovens. Não se tornaram outra coisa depois que envelheceram: quem era exigente continua sendo; quem era habilidoso continua sendo e talvez o tipo de habilidade se expresse em maior facilidade com o computador.

Mas a idade dificulta algumas coisas, que muitas vezes o jovem encontra caminhos para superar, colocando sua enorme criatividade a serviço do idoso. A relação estabelecida entre eles portanto, é ponto fundamental.

Os aprendizes

Pessoas com mais de 65 anos, sem conhecimento de informática. Recomenda-se que cada turma tenha entre oito e dez idosos, pois com grupos muito pequenos ou muito grandes não se consegue criar clima adequado à integração.

A equipe

Educador - Um profissional da organização, com conhecimento pedagógico. Será o responsável por implantar e coordenar o programa.

Voluntários - Meninas e meninos com idade entre 14 e 16 anos. Tanto podem vir de escolas públicas ou privadas quanto de outros programas mantidos pela mesma organização (como o programa descrito no capítulo anterior). Todos devem passar por um processo de seleção, para que se escolham jovens com perfil adequado para tratar com idosos. Algumas características desejáveis nos voluntários:

- Capacidade de escutar e de se colocar na posição do interlocutor.
- Afetuosidade, paciência, responsabilidade.
- Interesse em ter contato com pessoas diferentes e com outras realidades.
- Facilidade em se comunicar.
- Conhecimentos medianos de informática.

Monitor - É também um jovem, escolhido para auxiliar o educador. Ele ajudará os voluntários a preparar as aulas e substituirá aquele que faltar, e ainda responderá pelos registros das atividades: lista de chamada, arquivo das aulas etc. É desejável que o monitor receba uma ajuda de custo.

Recursos necessários

Espaço: O programa pode ser implantado tanto na sede da organização responsável por ele quanto em espaços disponíveis na comunidade. Algumas possibilidades:

- Um asilo de idosos que disponha dos equipamentos necessários.
- Núcleos dedicados à inclusão digital, mantidos pelo poder público ou por ONGs.
- Uma escola.
- Cibercafés ou LAN houses que se disponham a ceder suas instalações, em horários ociosos.

Equipamentos: Será necessário ter um computador para cada idoso e mais outro de reserva, que servirá ao monitor e ao educador. O desejável é que todos os computadores estejam conectados à internet, mas, se isso não for possível, que se tenha pelo menos um computador conectado, para utilização em rodízio. Uma impressora é suficiente para a turma toda. Um scanner é desejável, embora não imprescindível.

Material didático: Pode-se propor aos próprios jovens que construam material didático, sob a forma de apostilas, com ensinamentos básicos: como ligar o computador, como usar um programa de correio eletrônico, como navegar na internet etc. Havendo necessidade de materiais didáticos mais avançados, uma alternativa é obtê-los através de parcerias com escolas de informática ou com organizações voltadas para a inclusão digital.

O sistema

Duração: Um ano, com encontros semanais de três horas, tempo que inclui atividade prévia com os jovens, a aula propriamente dita, uma integração com os idosos e um momento final de socialização das atividades.

Capacitação: Antes de implantar o programa, os voluntários selecionados devem passar por uma capacitação envolvendo sobretudo temas como o envelhecimento e suas características físicas e psicológicas, condição social do idoso e função da

aprendizagem. Também é importante repassar e aprimorar os conhecimentos de informática a serem transmitidos.

Rodízio: Cada jovem voluntário vai ensinar informática a um idoso, o que por vezes exige muita paciência. Para evitar que eventuais dificuldades de relacionamento se cristalizem, recomenda-se fazer um rodízio periódico: a cada três aulas, os voluntários trocam de aluno.

Reunião técnica: Cada encontro semanal começa com uma reunião técnica, de uma hora, com os voluntários, o monitor e o educador, para fazer um balanço dos progressos e dificuldades, esclarecer dúvidas, planejar a aula seguinte.

As aulas: Após a reunião da equipe, os idosos terão uma hora de aula, sempre estruturada conforme o interesse de cada um. O aprendizado do idoso se constrói no ritmo dele (que em geral é vagaroso) e a partir daquilo que ele pretende fazer com o computador.

Muitos querem apenas usar o correio eletrônico e só gradativamente é que descobrem novas áreas de interesse. Outros gostam de escrever e se concentram em programas de edição de texto. E há aqueles que já chegam com interesses variados: usar serviços bancários, sites de busca etc. Cabe ao jovem voluntário respeitar os desejos do aluno, mas sugerir novos aprendizados sempre que possível.

Integração: Terminada a aula, é fundamental reservar pelo menos 15 minutos para uma integração entre jovens e idosos, que pode ser um lanche coletivo. A convivência é parte importante da estratégia do programa.

Socialização das atividades: Após o lanche é importante que o monitor e os jovens voluntários sentem em roda para trocar informações sobre as atividades. O que deu certo, o que não deu; uma técnica nova que alguém descobriu para explicar a diferença entre e-mail e site; problemas que surgiram; momentos emocionantes etc. O papel do educador é mediar o grupo e trazer referências capazes de esclarecer dificuldades. Por exemplo: se um jovem falar que seu aprendiz esquece tudo o que lhe foi ensinado, será um bom momento para esclarecer que a memória do idoso é diferente para eventos recentes.

Produtos: O sucesso do aprendizado mede-se pelos produtos que os idosos

conseguem extrair do computador: o e-mail para um parente distante, um texto impresso, uma informação localizada em um site de busca. Aos que se dispuserem, deve ser colocado o desafio de construir um blog pessoal, onde cada idoso poderá colocar um pouco de si: sua biografia, impressões do cotidiano, poesias, os momentos históricos que presenciou.

O site: Recomenda-se construir um site do programa e atualizá-lo permanentemente. Será um instrumento de registro, de aprendizado e de estímulo aos alunos. Os idosos podem ser chamados a gerar informações para atualizar o site, o que fará com que, além de usar a internet, eles próprios estejam na rede mundial.

Continuidade

Muitos idosos, após um ano de atividade, não querem desatar os laços que estabeleceram ao longo da oficina de informática. Trata-se, portanto, de pensar novas atividades para eles. Algumas possibilidades:

- Havendo disponibilidade de espaço e equipamentos, organizar uma turma avançada, que não precisará ter um voluntário para cada idoso: dois ou três voluntários podem dar conta da turma toda; alguns idosos talvez possam ser aproveitados como monitores do programa.
- Muitos deles certamente poderão atuar como voluntários em outros programas da mesma organização. Será preciso saber que tipo de habilidade ou competência cada um tem a transmitir e verificar se é algo que possa contribuir para a formação de aprendizes de outros programas.

Algumas lições da experiência

- A inclusão digital é hoje um tema em evidência, ao qual várias organizações se dedicam. Contar com a expertise de organizações assim, através de parcerias, será uma forma de encurtar caminhos.
- O trabalho com idosos deve sempre considerar possíveis limitações deles, sobretudo quanto à audição, visão e memória. Os voluntários devem ser instruídos a falar com clareza e pausadamente, a redigir com letras grandes tudo o que tiverem que transmitir por escrito e a repetir muitas vezes a mesma informação.
- É conveniente mesclar em cada turma jovens provenientes de escolas diferentes. Quando são da mesma escola, é comum que, em semana de provas, todos faltem ao compromisso com os idosos.
- Jovens convidados a atuar como voluntários por um ano, em geral, pedem para

ficar mais tempo. Estimulá-los e ajudá-los a replicar o programa em outro local (por exemplo, em sua escola) poderá ser a resposta mais adequada, pois permitirá abrir espaço para novos voluntários e ampliar a oferta de vagas para idosos.

- É importante nunca perder de vista que o objetivo do programa não é apenas ensinar informática aos idosos, mas também (e com a mesma importância) ajudar na formação dos jovens voluntários.
- Seja qual for o local onde a oficina de informática se dê, é importante considerar a necessidade de espaço não só para a aula em si, mas também para a integração dos participantes. Nem que seja no café ao lado, com mesas reservadas para logo depois da aula.

O PROGRAMA OLDNET

A experiência acumulada pelo Programa Oldnet, da Cidade Escola Aprendiz, é a base do modelo apresentado neste capítulo. O programa reúne anualmente jovens voluntários para ensinar informática a idosos, tendo começado em 1999 no Lar Golda Meir, em São Paulo.

Desde 2003, as aulas do Programa Oldnet são ministradas no Café Aprendiz, que reúne as características de cibercafé e restaurante. Esse espaço tem se mostrado muito adequado devido às características do programa, que privilegia a convivência para além da hora de aula. O Programa recebe apoio de quatro escolas (Santa Cruz, Oito de Maio, Ênio Voss e Godofredo Furtado) e também da Liga das Senhoras Católicas e de casas para idosos, como Mão Branca e Lar Santana.

“Estou há três anos no Old e já vi

acontecer muita coisa”, diz a coordenadora do Programa, Cláudia Donegá. “Aula de media player que se transformou em um baile; uma senhora pegando discretamente informações com uma jovem sobre onde ir em um primeiro encontro; um parente distante encontrado no Messenger; um jovem aos poucos sabendo o que é ter paciência; o entusiasmo da dupla jovem/idoso quando termina uma tarefa que parecia intransponível; aulas que não acontecem porque rolou um papo interessante... Depois de um tempo, aquela senhora é mais que uma idosa: é uma pessoa. E o jovem passa de menino a ‘meu professor’. Caem os estigmas.”

Depoimentos e mais informações sobre o Programa Oldnet:

<http://www2.uol.com.br/aprendiz/designsocial/oldnet>

QUEM NÃO SE COMUNICA

Comunicação é fundamental a uma proposta de Bairro-Escola e não apenas como instrumento de mobilização social. Ela é igualmente elemento educativo e funciona como ferramenta aglutinadora de propósitos e vontades, que permite o enraizamento na comunidade.

Portanto, é essencial dispor de um veículo para recolher experiências, registrar o dia-a-dia, divulgar propostas, articular as pessoas e até pautar a grande imprensa. Como também para ser utilizado nos processos de aprendizado. Pode ser um jornal, um site na internet, uma rádio comunitária, alguma coisa enfim capaz de ser a cara do Bairro-Escola e pulsar com ele.

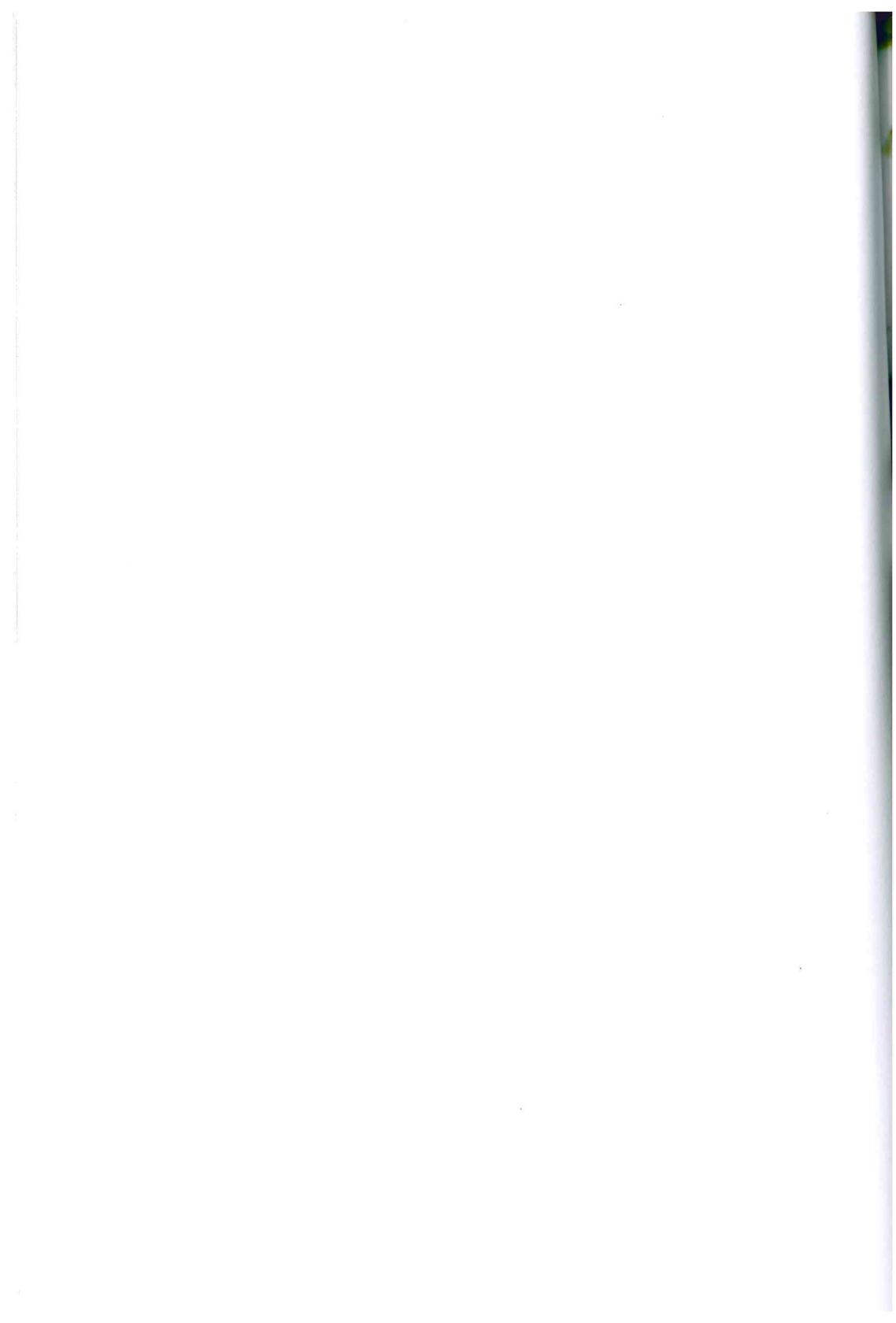
O Site Aprendiz

Na Cidade Escola Aprendiz, este papel tem sido cumprido pelo Site Aprendiz, que nasceu em 1997, junto

com a ONG da qual é o porta-voz. Surgiu como espaço de debate e veiculação de questões ligadas aos direitos humanos, funcionando ao mesmo tempo como instrumento de aprendizado para estudantes do ensino médio e superior. A eles cabia alimentar o site, produzindo reportagens, sob a coordenação de profissionais de comunicação.

Nascido como revista eletrônica, ele é hoje um importante site sobre educação. Cresceu, incluiu informações institucionais sobre a Cidade Escola Aprendiz e seus programas, sem deixar de ser um veículo jornalístico, ágil e capaz de atrair leitores, o que se revela pelo volume de acessos: 5 mil internautas visitam suas páginas por dia. Para ser como é, conta com uma equipe de quatro profissionais e três estagiários.

• www.aprendiz.org.br







INTERVENÇÕES URBANAS

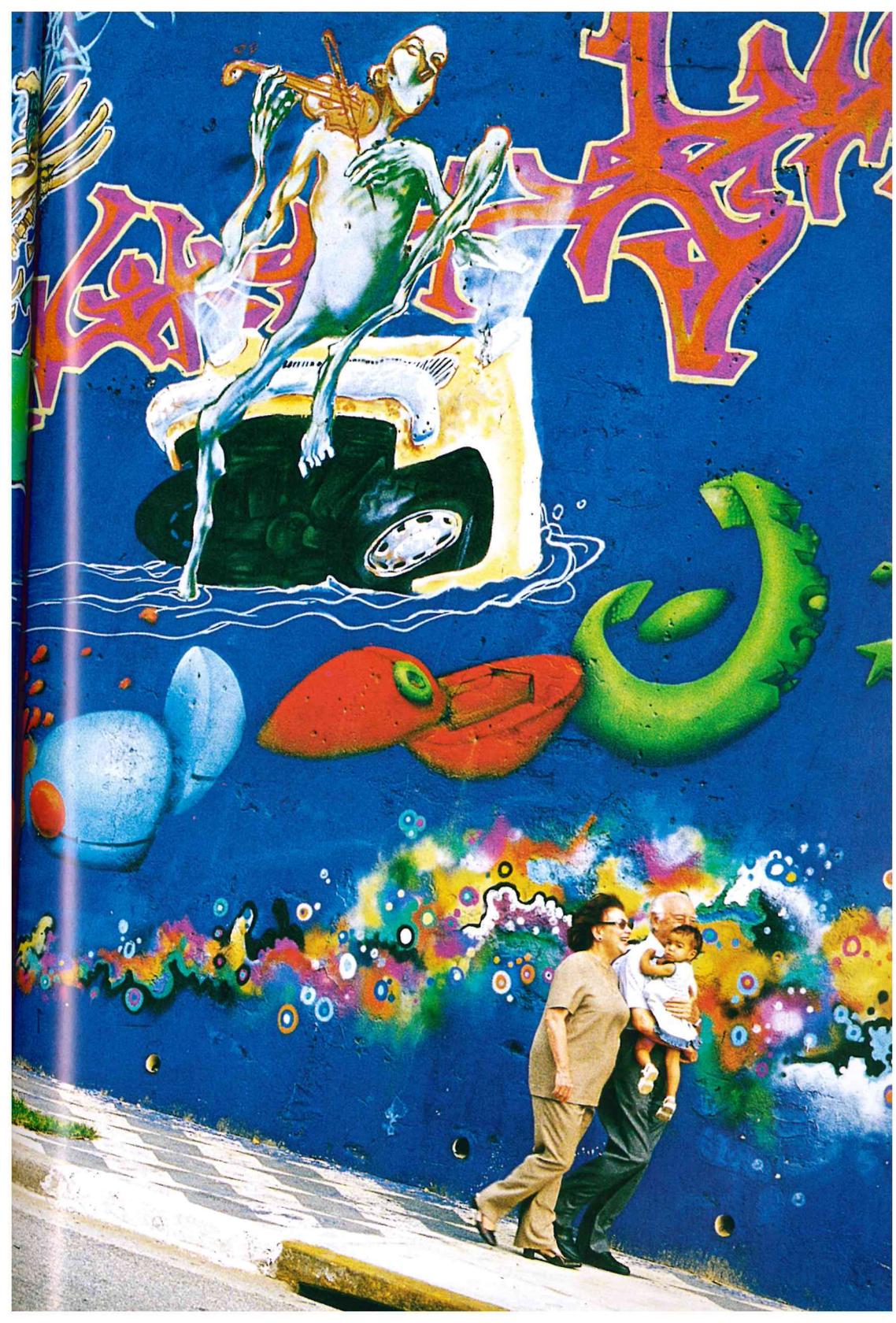
CAPÍTULO DOIS

“Eu participo das atividades do Aprendiz desde o projeto 100 Muros. Hoje, passados cinco anos, procuro aplicar um pouco do que aprendi na Casa de Cultura do bairro Cidade Ademar, onde sou estagiária. Agora mesmo, a gente mobilizou os alunos de uma escola pública para recuperar uma praça do bairro, usando a técnica de mosaico do projeto 100 Muros.”

Tarsila Portela Grafiteira e aprendiz do Programa Intervenções Urbanas

“Para mim, o Aprendiz é, antes de tudo, um pólo de atração de pessoas, de onde emana uma energia muito forte. Aqui se conhece gente, se aprende a pensar e se articulam as coisas mais variadas. O Aprendiz tem sido muito importante para a minha formação.”

Ciro Ernesto Schunemann Arte-educador e aprendiz do Programa Intervenções Urbanas



“Este ano que passei no Aprendiz mudou a minha vida. Aprendi como é importante traçar uma estratégia para tudo o que se quer, em vez de sair fazendo de qualquer jeito. Aprendi a controlar minha ansiedade e ter paciência. Compreendi a importância de cuidar dos espaços públicos e que isto é parte de uma coisa maior chamada cidadania.”

Ana Paula Barsotti Aprendiz do Programa Trilhas Urbanas

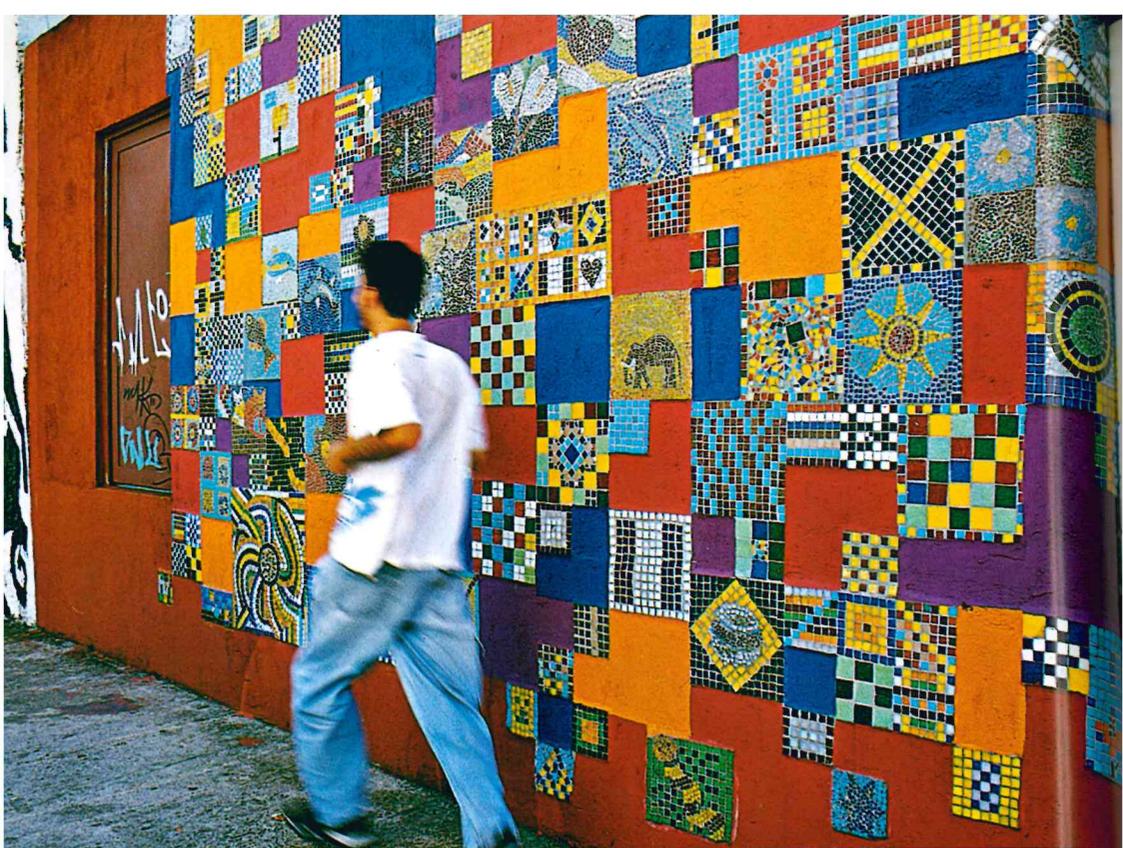
“A gente descobre muita coisa no Trilhas Urbanas, mas o principal para mim foi o que aprendi sobre arte: técnicas de cerâmica, pintura em azulejo, história da arte, mosaico. Isso me ajudou a definir meu rumo, que é agora fazer vestibular e entrar para uma faculdade de artes plásticas.”

Dimas Volpato de Lima Aprendiz do Programa Trilhas Urbanas



LC+B





PROGRAMA OLDNET

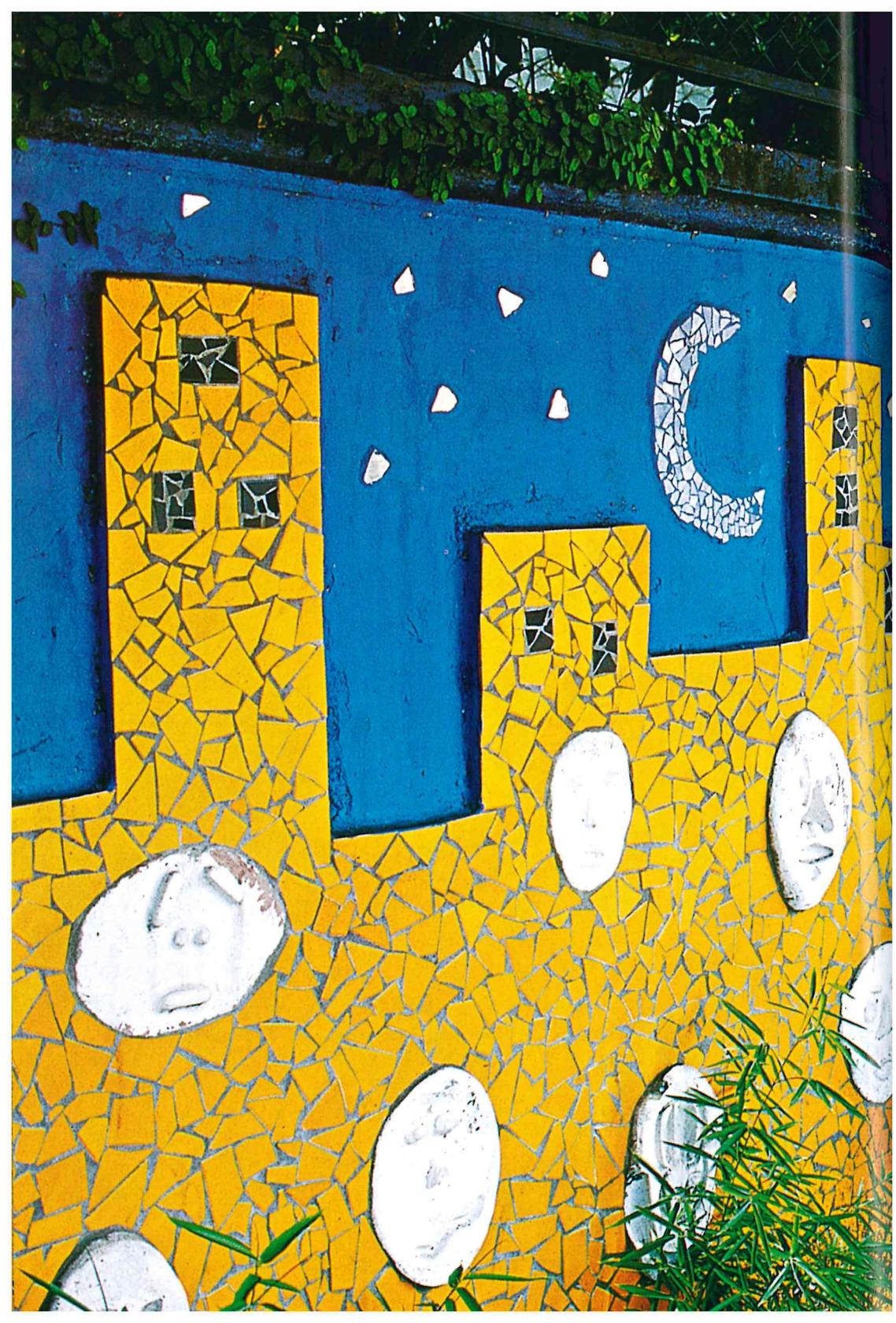
CAPÍTULO QUATRO

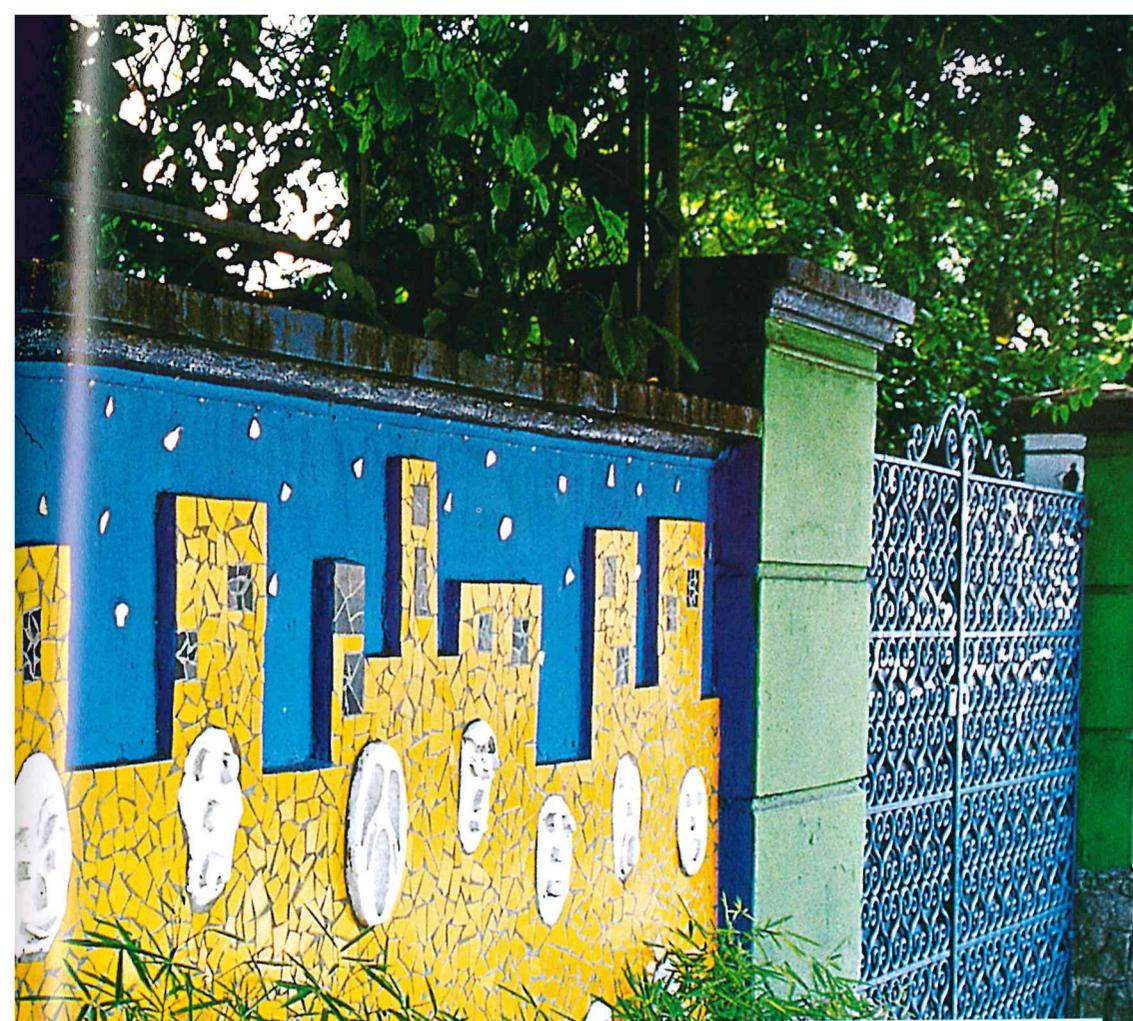
“Achei que eu seria importante para a vida dos idosos, mas acabei surpreso ao perceber como eles se tornaram fundamentais na minha vida. Então percebi que não eram só eles que estavam aprendendo.”

David Tavares Monitor do Programa Oldnet

“Quando cheguei, não queria aprender informática, e sim perder dois sentimentos que eu tinha em relação ao computador: medo e raiva por não conseguir chegar perto. Os meninos da Oldnet conseguiram me fazer vencer esses dois sentimentos.”

José Rosembli Aluno do Programa Oldnet





PROGRAMA ESCOLA NA PRAÇA

CAPÍTULO CINCO

“Nas aulas de rádio aprendi a escrever melhor, o que me ajuda na escola. Mas eu gosto mais das aulas de circo e de música (e até já comecei a tocar bateria em uma banda). Ainda não sei se vou ser músico ou se vou entrar para algum circo, mas acho que vou fazer as duas coisas para o resto da vida: música e malabares. Mesmo que termine indo trabalhar no que aparecer.”

José William Costa Lopes Aprendiz do Programa Escola na Praça

“Aprendi a desenhar, a jogar tênis, a tirar fotografia... Aprendi um monte de coisas, mas o que eu mais gosto é de estar com as outras crianças da Escola na Praça, porque na minha rua só tem lojas e adultos. Eu acordava de manhã e ficava sem ter o que fazer até a hora da escola. Agora tenho o Aprendiz.”

Jaqueline Afonso da Silva Aprendiz do Programa Escola na Praça

“Este é um Programa que não serve somente para quem quer fazer carreira em Comunicação. Serve para a vida. Você aprende a cooperar, a ouvir os outros, a ter abertura para novas possibilidades, a ceder, a aceitar opiniões diferentes da sua. Para trabalhar em grupo isto é fundamental.”

Sálua de Paula Oliveira Aprendiz do Programa Rádio Ativo

“A idéia do Rádio Ativo surgiu aqui e tivemos a felicidade de encontrar os parceiros certos: a Fundação Bank Boston e a Cidade Escola Aprendiz. O resultado a gente vê no rosto destes garotos, que chegam de cabeça baixa e no final do estágio conseguem falar para uma platéia de 500 pessoas com orgulho e segurança. É emocionante!”

Zeca Almeida Prado Coordenador do Programa Rádio Ativo na Rádio 89 FM





PROIEZIONE
DEI
MURALI
A
2012
2012
2012

“Quando cheguei aqui, meu projeto de prevenção do uso de drogas era só um sonho. Eu aprendi a trabalhar junto com as meninas do meu grupo, a planejar, definir tarefas e sobretudo a colocar as idéias por escrito, e tudo foi tomando forma. Agora o projeto é uma coisa que pode ser realizada, tanto que no mês passado demos nossa primeira palestra.”

Vanessa Santana de Oliveira Aprendiz no Programa Aprendiz Comgás

“Particpei do Aprendiz Comgás há quatro anos e a partir daí meus caminhos foram se abrindo. Contar histórias, projeto ao qual me dediquei, virou o grupo Terra dos Contos, hoje chamado em empresas e em festas de aniversário. Também trabalho no Programa Conexão Aprendiz, divulgando a Lei de Aprendizagem, o que costumo fazer contando alguma história que ilustre para as empresas por que é importante facilitar a inserção do jovem no mercado de trabalho.”

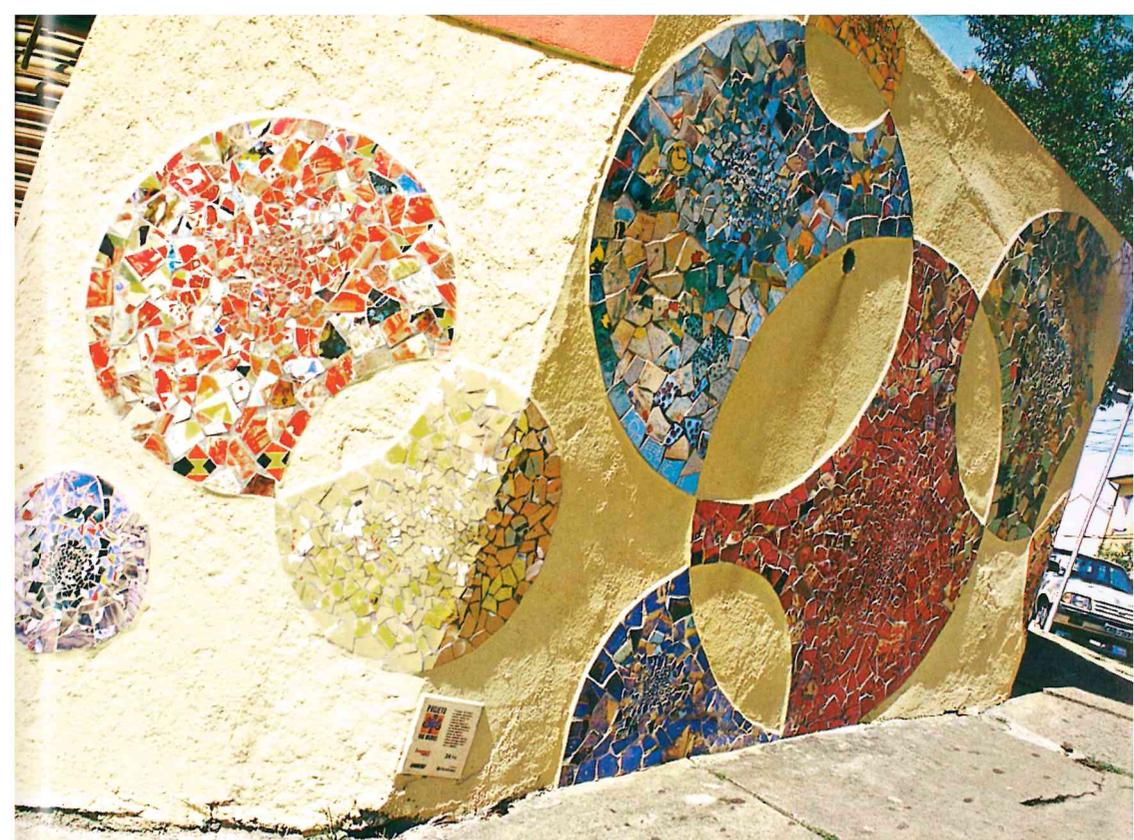
Andressa Munik Bastos de Oliveira Ex-aprendiz no Programa Aprendiz Comgás

“O modelo que temos de escola tradicional não prepara para o mercado de trabalho e às vezes nem a Universidade prepara. Precisamos proporcionar alternativas de informação e renda ao jovem, para que ele possa decidir com mais tranquilidade seu caminho.”

Leandro Puzzo (Embelleze, empresa parceira, que contribui com bolsas de estudo para formação na área de estética)

“Tive grande satisfação com a parceria com a Cidade Escola Aprendiz. Primeiro porque agregamos à danceteria um pouco da imagem institucional desta ONG. Segundo, e certamente mais importante, porque foi muito prazeroso conviver com os aprendizes nas oficinas, especialmente o Christian, que acabou trabalhando como DJ e que agora estou levando para atuar em cinema.”

Le Cuk (que organizou oficinas de DJ [disc jockey] na Danceteria AMP Galaxy)





capítulo cinco

A comunidade assume suas crianças

Com os modelos apresentados até agora, traçamos um caminho que se inicia com jovens, cresce e ganha força com eles, para só depois incorporar as crianças. Explica-se esta opção pela necessidade de ganhar reconhecimento e credibilidade, antes de se propor um trabalho no qual a ampla participação da comunidade será o grande diferencial.

Naturalmente, em muitos lugares talvez se possa tomar a criança como ponto de partida. Mesmo porque a construção do Bairro-Escola admite muitos caminhos. Para escolher o mais adequado é importante que os organizadores fiquem sintonizados com os desejos das pessoas que estarão na linha de frente e atentos às oportunidades que surjam, mas sem perder a perspectiva estratégica.

Tecendo uma rede de proteção

Neste modelo, sugerimos um Programa voltado para crianças e adolescentes. Nele estão incluídas atividades que se assemelham às propostas da Escola-Parque do educador Anísio Teixeira, para as quais a mobilização do potencial educativo local é muito importante. Começando-se por fazer um levantamento de tudo aquilo com que se pode contar:

- Qual a vocação do bairro?
- O que o bairro oferece em matéria de cultura, escolas, indústria, comércio, serviços, artesanato?
- Que atividades profissionais os moradores do bairro exercem? Que competências ou habilidades podemos encontrar entre eles?

A tarefa será então transformar uma parte deste rico emaranhado de atividades e conhecimentos (uma pequena parte que seja) em ações educativas, trazendo pessoas, empresas e instituições para colaborar com o Bairro-Escola.

Mas o Programa também inclui o atendimento a crianças e adolescentes em outros aspectos da vida, como violência familiar, distúrbios psicológicos ou físicos, ou problemas sérios na relação com a escola. E novamente a tarefa será articular as forças do bairro capazes de ajudá-los, o que inclui órgãos oficiais e ONGs voltadas para a defesa da infância e o apoio das famílias, o sistema de saúde público ou particular, as

de ciências humanas, profissionais de áreas como Psicologia e Direito etc. Junto com o aprendizado, o que o Programa descrito neste modelo propõe é a rede de proteção a crianças e adolescentes, o que implica também ações em suas famílias.

O trabalho no qual envolve três blocos de aprendizado, conforme a faixa etária:

até 10 anos.

11 a 15 anos.

16 a 18 anos.

Se for possível, os professores devem se formar até duas turmas de cada bloco (uma pela manhã, outra à tarde), com 30 aprendizes por turma. Seriam, portanto, seis turmas, com um atendimento a 180 crianças e adolescentes, números os quais não é aconselhável ultrapassar muito.

É importante assegurar que todos estejam matriculados e freqüentando estabelecimentos de ensino, encaminhando-se para a escola aqueles que estiverem fora dela.

Além dos outros programas, é fundamental privilegiar a diversidade, estabelecendo um convívio entre aprendizes de origens social e racial diferentes.

Atividade

Computador, de preferência um educador experiente.

Seis a oito profissionais (considerando-se seis turmas), incluindo-se

educadores ou artistas plásticos com conhecimento de pedagogia e educadores com experiência no uso de ferramentas de comunicação. É desejável ter também educadores com experiência em teatro/expressão corporal ou em esportes.

Professores de diferentes áreas, especialmente com conhecimentos em música, artes plásticas, fotografia, comunicação, esportes.

Professores, também de diferentes áreas.

Tema

Programação: Programação anual, com atividades quatro dias por semana, envolvendo duas horas e três horas por dia.

faculdades de ciências humanas, profissionais de áreas como Psicologia e Direito etc.

Enfim, junto com o aprendizado, o que o Programa descrito neste modelo propõe é tecer uma rede de proteção a crianças e adolescentes, o que implica também ações de apoio a suas famílias.

Os aprendizes

O modelo envolve três blocos de aprendizado, conforme a faixa etária:

- De 4 a 7 anos.
- De 8 a 11 anos.
- De 12 a 15 anos.

Podem-se formar até duas turmas de cada bloco (uma pela manhã, outra à tarde), com 25 a 30 aprendizes por turma. Seriam, portanto, seis turmas, com um atendimento de 150 a 180 crianças e adolescentes, números os quais não é aconselhável ultrapassar muito.

É importante assegurar que todos estejam matriculados e freqüentando estabelecimentos de ensino, encaminhando-se para a escola aqueles que estiverem fora dela. Como nos outros programas, é fundamental privilegiar a diversidade, estabelecendo formas de convívio entre aprendizes de origens social e racial diferentes.

A equipe

- Um coordenador, de preferência um educador experiente.
- Outros seis a oito profissionais (considerando-se seis turmas), incluindo-se arte-educadores ou artistas plásticos com conhecimento de pedagogia e educadores com experiência no uso de ferramentas de comunicação. É desejável ter também educadores com experiência em teatro/expressão corporal ou em esportes.
- Voluntários de diferentes áreas, especialmente com conhecimentos em música, artes plásticas, fotografia, comunicação, esportes.
- Estagiários, também de diferentes áreas.

O sistema

Duração: Programação anual, com atividades quatro dias por semana, envolvendo entre duas e três horas por dia.

A estrutura: A proposta é que a criança comece a participar do Programa aos 4 anos e que se sinta motivada a continuar até os 15. Assim, ela vai demorar quatro anos em cada bloco de aprendizado, que, portanto, precisa renovar o interesse do aprendiz de ano para ano. Para se obter isso é necessário:

- Que as atividades sejam estruturadas não em torno do “estudar”, mas em torno do “aprimorar-se” e do “fazer”. Aprimorar-se em uma determinada técnica, já conhecida mas que pode ser melhorada. Fazer uma obra, um produto, realizar alguma coisa. Estes dois eixos, o “aprimorar-se” e o “fazer”, devem determinar a transmissão de conhecimentos.
- Que sejam explorados ao máximo o trabalho em equipe e as possibilidades de os aprendizes aprenderem uns com os outros.
- Que de ano para ano sejam introduzidas novas atividades e novas áreas de conhecimento, aproveitando-se também para envolver mais voluntários do bairro no Programa.

O aprendizado: Três áreas de conhecimentos/atividades dão forma ao Programa: artes, esportes e brincadeiras, estas especialmente para as crianças menores. Nessas áreas, será necessário construir uma programação adequada a cada faixa etária, naturalmente partindo da disponibilidade de profissionais e voluntários. Algumas possibilidades:

- Para as crianças menores - brincadeiras cantadas, futebol e modelagem.
- Para a faixa intermediária - percussão, pintura em azulejo e basquete.
- Para os mais velhos - violão, grafite, fotografia e skate.

Outro grupo de atividades que também não pode faltar inclui informática e comunicação, embora de maneira menos enfática que nos programas para jovens. Trata-se aqui de apresentar o computador às crianças e, gradativamente, levá-las a explorar as diversas utilizações da máquina. Ao mesmo tempo, estabelecer ligação entre o computador e o processo de comunicação, através de atividades práticas:

- Como se escreve um e-mail.
- Como montar um jornal mural com textos (ou apenas os títulos) escritos no computador.
- Ler notícias na internet.

É importante, na medida da compreensão de cada faixa etária, mostrar a internet como ferramenta de conexão com o mundo, capaz de nos oferecer informa-

ções por vezes conflitantes. Trata-se de, aos poucos, ir desenvolvendo o senso crítico na criança para o que será necessário ter na programação espaços para conversas e reflexão.

Paralelamente, abre-se uma infinidade de outras possibilidades de aprendizados, conforme as potencialidades do bairro:

- O chef do restaurante pode dar um curso de culinária.
- Engenheiros da indústria química podem fazer iniciação às ciências.
- O hospital pode ensinar primeiros socorros.
- A faculdade de Letras pode fazer uma oficina literária.
- Outros voluntários podem ajudar as crianças na lição da escola.

Uma preocupação que precisa estar presente é ligar os diversos aprendizados proporcionados pelo Programa - sempre mais focados e mais práticos - com os conhecimentos que a criança traz da escola, teóricos e gerais.

Os produtos: Na medida do possível, deve-se procurar aplicar em todas as atividades a Pedagogia por Projetos, que envolve um tema capaz de gerar discussões em conjunto e que tenha como resultado um produto feito pelos aprendizes. Algumas possibilidades de produtos:

- Brinquedos em papel machê.
- Mosaicos e pinturas murais.
- Um jornal mural.
- Uma apresentação teatral.

Os espaços: A maioria das atividades propostas neste modelo está pensada para realizar-se em espaços abertos e ambientes de trabalho (um restaurante, por exemplo), raramente em sala de aula. Pode ser um galpão usado como ateliê, uma praça, uma quadra de esportes. A idéia é que a organização responsável pelo Programa disponha de alguns desses espaços, mas que também utilize o que o bairro oferece:

- O pátio da escola em frente.
- A biblioteca.
- Os computadores da escola de informática.
- O museu.
- O cinema.
- A fábrica.

Trata-se de estabelecer parcerias com instituições, órgãos de governo e empresas, criando com essas organizações atividades que ajudem a complementar o Programa. Ao mesmo tempo, abrem-se oportunidades para passeios pelo bairro, visitas a locais de interesse cultural e outras atividades que ajudem as crianças a conhecer e usar os espaços de seu entorno.

O apoio aos aprendizes

Desde a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente ampliou-se muito o sistema formal de proteção à infância. De certa maneira em substituição aos laços de vizinhança e parentesco, que cumpriam função semelhante e que atualmente se encontram cada vez mais frágeis. Na verdade, os dois tipos de proteção, o formal e o informal, são necessários.

O Bairro-Escola, em última instância, é uma proposta de reforço e reconstrução dos antigos laços que uniam as pessoas em suas comunidades, sobretudo para que possamos cuidar melhor de nossas crianças. E isso inclui não apenas aprendizado, mas também o apoio à criança em qualquer dificuldade que ela viva.

Para tanto, o primeiro passo de uma equipe que se proponha a tocar um Programa voltado para crianças e adolescentes é estar atenta a cada um dos aprendizes, procurar conhecê-los e saber quando necessitam de ajuda. A partir daí, mobilizar as forças disponíveis, que podem ser:

- Psicólogos atuando como voluntários ou estagiários para atender a criança e sua família.
- O Conselho Tutelar.
- A Vara da Família e advogados voluntários.
- Organizações não-governamentais de defesa dos direitos da criança;
- A Unidade de Saúde do bairro.
- Agentes comunitários de saúde, para atender a família.
- A orientação pedagógica da escola onde a criança estuda.

Mais do que isso, o Bairro-Escola pode atuar antes que os problemas aconteçam, articulando esta rede de proteção para ações preventivas:

- Visitas periódicas às famílias mais fragilizadas.
- Atividades de integração e congraçamento com os pais.
- Programas voltados para a geração de trabalho e renda para os pais.
- Atividades voltadas para os professores.

Algumas lições da experiência

- Programas nos moldes do aqui descrito devem resistir à pressão por ampliar excessivamente o número de crianças atendidas, pois isso pode criar dificuldades sérias de coordenação. É mais adequado replicar o modelo em outro espaço e com outra equipe, que atue com autonomia.
- Credibilidade é algo difícil de conquistar e fácil de perder. Para mantê-la é fundamental construir cada etapa do Programa com os parceiros, chamá-los a tomar decisões e manter a coerência entre discurso e prática.
- O espaço aberto muda a relação de aprendizado. A autoridade do educador se dilui e o sentido de obrigação que a escola normalmente incute desaparece. Assim, ou o educador cativa o aprendiz, desperta e mantém seu interesse, ou ele vai embora.
- Uma experiência interessante é criar um Conselho do Programa, formado por crianças e adolescentes. Isso ajuda a desenvolver a responsabilidade, a capacidade de fazer escolhas e de tomar decisões.
- Um dos maiores desafios de programas nestes moldes é a presença flutuante de aprendizes durante o ano. Isso pode se dar por vários motivos. Há casos em que os pais tiram a criança do Programa como forma de castigo, mas também porque a criança está em dificuldade na escola formal e eles acham que é por falta de tempo para estudar. A maior integração com as famílias e sua participação no Programa ajudam a resolver esses problemas.

O PROGRAMA ESCOLA NA PRAÇA

O conjunto de idéias que orientam o modelo apresentado neste capítulo foi extraído do Programa Escola na Praça, da Cidade Escola Aprendiz. Ele nasceu para atender crianças do bairro Vila Madalena, em São Paulo, que acompanhavam as ações de intervenção urbana realizadas pela ONG. Cresceu e ganhou forma a partir deste núcleo inicial, tendo em 2004 atendido 250 crianças e adolescentes, na faixa etária de 4 e 16 anos.

O Escola na Praça tem a Arte Educação como núcleo central de suas atividades. Ocupa a Praça Aprendiz das Letras, estendendo-se ao Beco Escola e a outros espaços do bairro. Mobiliza as forças locais - comércio, artesãos, posto de saúde, faculdades, grupos de teatro e circo - tanto para ações de aprendizado quanto para atendimento daquelas crianças e famílias mais fragilizadas. É uma das mais completas expressões da proposta de Bairro-Escola.



capítulo seis

O jovem no mundo da mídia,
treinando trabalho em equipe

Mobilizar os meios de comunicação é sempre um passo importante para a construção do Bairro-Escola. Não se trata apenas de obter espaço de divulgação, mas também de levar profissionais e empresas de comunicação a se envolverem nas atividades, colocando seus conhecimentos e facilidades à disposição de uma proposta educativa.

Abrir o mundo da mídia aos jovens é um caminho para a futura profissionalização desses jovens. Seja como primeiro passo para a formação de comunicadores, seja para ampliação de seus conhecimentos e habilidades, sobretudo a de trabalhar em equipe. E é também um caminho para ampliar a capacidade de análise, formando leitores, ouvintes e telespectadores mais críticos e menos manipuláveis.

Na rádio que vira escola

Neste modelo, jovens passam um ano aprendendo como se trabalha em uma emissora de rádio. Procurou-se apresentar um programa já testado e que tem obtido excelentes resultados. Nem sempre ele poderá ser aplicado tal como aqui é mostrado, especialmente porque necessita adequar-se ao que a emissora efetivamente pode oferecer. Assim, o importante é compreender as idéias e os porquês do modelo, para que as adaptações necessárias não comprometam sua qualidade.

Naturalmente, as idéias básicas expostas também poderiam ser aplicadas a um jornal, um canal de televisão, ou até mesmo a uma agência de propaganda.

Os aprendizes

Não faltarão interessados. Convém, portanto, estabelecer critérios de seleção,

tanto para adequar os candidatos à proposta do Bairro-Escola quanto para garantir o sucesso do programa. Gradativamente, os organizadores definirão critérios cada vez mais precisos, mas como ponto de partida pode-se pensar em aprendizes com o seguinte perfil:

- Jovens, de preferência cursando as duas primeiras séries do ensino médio (na 3ª série, eles terão muito de suas energias voltadas para o vestibular ou para a busca de um emprego);
- Faixa etária relativamente homogênea: algo como 16 a 18 anos;
- Diversidade. Definir um grupo relativamente representativo dos jovens da comunidade: meninas e meninos, diferentes estratos socioeconômicos, minorias raciais etc. Reservar vagas para instituições, movimentos sociais e organizações juvenis é um caminho para se obter diversidade;
- Envolvimento em alguma causa, movimento ou trabalho comunitário. Trata-se aqui de escolher jovens capazes de ajudar a disseminar o que aprenderem.

O grupo não pode ser muito grande, sob pena de perder a qualidade no aprendizado e de provocar uma revolução na rotina da rádio. Nem muito pequeno, para que o trabalho em equipe possa ser exercitado.

Recomenda-se algo entre 8 e 12 jovens, que ao longo do programa serão divididos em duas turmas. Parte das atividades, especialmente as que têm lugar na rádio, serão em horários diferentes para cada turma. Mas elas se juntarão em diversas ocasiões, para planejamento, tarefas mais coletivas e reflexões.

A equipe

- Voluntários de diferentes departamentos da rádio. É importante sensibilizá-los, começando por apresentar o programa, ouvir sugestões e fazer adaptações necessárias.
- Um coordenador voluntário na rádio, com liderança sobre os demais funcionários.
- Um ou dois educadores: profissionais da organização responsável pelo programa, com conhecimento pedagógico.

O sistema

Duração: Um ano letivo. Quatro dias por semana, com uma jornada diária em torno de três horas.

Os espaços: O tempo dos aprendizes será dividindo entre a rádio e a sede da organização responsável pelo programa. A sugestão é três dias por semana na rádio e um na organização. Para isso, será fundamental que eles tenham um espaço na rádio, onde possam se reunir, escrever, fazer atividades coletivas. Quando isso não for possível, a alternativa é concentrar maior volume de atividades na organização, se possível trazendo profissionais da emissora para falar aos jovens.

As atividades: Primeiro os aprendizes vão descobrir a rádio e conhecer algumas técnicas. Depois vão aprender fazendo. Foram criadas atividades capazes de cumprir esses objetivos, com reduzido impacto sobre a rotina da emissora.

Entrevistas: Divididos em duplas, eles percorrerão os principais departamentos da rádio e entrevistarão funcionários de cada departamento, para descobrir o que ali se faz e como se faz.

Informativo: O material reunido por todas as duplas, das duas turmas, será depois transformado, pelos aprendizes, em um “informativo”, capaz de descrever o funcionamento da rádio. O informativo continuará a ser produzido, ao ritmo de um por mês, reunindo os conhecimentos que vão sendo construídos no decorrer do projeto.

Consolidação: Os principais leitores do “informativo” serão os próprios aprendizes e os voluntários que foram entrevistados. Cada departamento vai receber novamente a dupla que ali fez as entrevistas para uma rodada de esclarecimentos e consolidação do que foi explicado.

Exercício prático: Depois do primeiro informativo, cada dupla faz um dia de estágio no departamento que investigou. Esta é uma forma de aproximar os voluntários dos aprendizes e aplacar a ansiedade pelo estágio, que só começará de fato meses depois.

Oficinas: Após esse contato inicial, os aprendizes participarão de oficinas com os voluntários, sobre o tema da especialidade destes. Pode ser uma oficina de locução, ou de rádio-jornalismo, ou de técnicas de gravação, ou de promoções para os ouvintes... Os temas irão variar conforme o estilo da emissora e a forma como ela estiver estruturada; o importante é que cubram as principais técnicas e métodos adotados em cada departamento.

Estágios: Por fim, os aprendizes vão cumprir estágios, sempre em duplas, nos departamentos da rádio. Cada dupla passará por todos os departamentos, aprendendo a fazer e fazendo junto com o profissional voluntário encarregado de orientá-la.

Reflexão: Permeando essas atividades, os aprendizes farão reuniões semanais para refletir sobre o que estão fazendo, seus progressos, dificuldades, seus sonhos,

a função do rádio e da mídia em geral. Nesses encontros é sempre fundamental uma conversa com todos organizados em roda. Também é importante reservar algum tempo para que as duplas completem tarefas da semana.

Os produtos

É fundamental que todo o processo resulte em produtos, começando pelos informativos.

Seguem-se, nas fases iniciais dos estágios, pequenas entrevistas que podem ir ao ar, a redação de um comentário ou notícia etc. Mais adiante, cada turma deverá produzir alguns programetes de rádio, sob a orientação dos voluntários.

No final, os aprendizes devem se sentir capazes de produzir um programa de rádio completo, que será o trabalho de conclusão do estágio. As duas turmas vão trabalhar juntas, com os jovens cumprindo todas as tarefas: desde a reunião de pauta, o planejamento e divisão das atividades, passando pelas tarefas individuais, até a gravação e a montagem.

É importante que a emissora se comprometa a colocar este programa no ar, mesmo que em horário de escassa audiência. Naturalmente, desde que ele atenda a um padrão mínimo de qualidade.

Continuidade

É necessário que a organização responsável pelo Programa apresente algumas propostas de continuidade para além deste ano de aprendizado. Possíveis alternativas:

Rádio na escola: Equipamentos de som, já instalados na escola ou obtidos na comunidade, poderiam ser o ponto de partida para a criação de uma “rádio”, na qual os aprendizes aplicariam os conhecimentos adquiridos.

Oficinas: Eles podem ser preparados para organizar “Oficinas de Rádio” para crianças e adolescentes, como parte do currículo de outros programas da organização.

Rádios comunitárias: Orientar os aprendizes para se integrarem ao movimento das rádios comunitárias é outro caminho.

Estágio remunerado: A própria emissora que propiciou o aprendizado poderá se comprometer a admitir, para estágio remunerado, os aprendizes que vierem a se matricular em faculdade de comunicação. Naturalmente respeitando a legislação relativa às categorias profissionais que atuam em uma rádio.

Algumas lições da experiência

- Os educadores precisam ter propostas de atividade e linha de trabalho flexíveis. O sistema de aprendizado, de fato, deve ser construído com os voluntários, conforme a disponibilidade deles.
- Organizar o aprendizado em forma de estágio, desde o início, não funciona, pois os aprendizes acabam tumultuando a rotina da rádio. Eles devem chegar aos estágios já com uma base inicial de conhecimentos.
- O tempo necessário para cada uma das atividades variará conforme o grupo. Em alguns casos, pode ser que em dois meses os aprendizes já estejam aptos a começar os estágios. Mas a fase de familiarização com a rádio e seus processos pode se esticar por um prazo muito mais longo.
- Quanto mais rápidas forem as etapas iniciais, mais extensos e mais produtivos poderão ser os estágios. Mas tudo tem que vir a seu tempo e conforme o ritmo do grupo.
- É conveniente que, já nas primeiras semanas, os aprendizes comecem a pensar no programa de rádio que farão no final do aprendizado. A perspectiva do produto ajuda na assimilação de conhecimentos.
- Os educadores devem ficar atentos ao tipo de tarefa que os aprendizes recebam durante os estágios. Aprender fazendo é fundamental, mas aprender não é mão-de-obra gratuita.
- Procurar meios de estreitar o relacionamento com os voluntários da rádio é uma tarefa importante para os educadores, que não farão o estágio, mas precisam acompanhar e orientar os jovens.
- Planejamento é fundamental. Antes de iniciar o projeto, aconselha-se montar uma planilha na qual deverá ser estimado o tempo para cada atividade ao longo do ano. Depois, será necessário acompanhar semanalmente o que foi feito e redistribuir as tarefas que não foram cumpridas.
- Relatórios semanais são importantes para acompanhar o desenvolvimento dos jovens.
- É bom que os jovens sejam estimulados a registrar as atividades. Pode ser, por exemplo, um “diário de bordo”, que passe de mão em mão, onde eles anotem tudo o que julgar relevante.

O PROGRAMA RÁDIO ATIVO

O modelo aqui apresentado parte da experiência do Rádio Ativo, programa de capacitação profissional iniciado em 2003. Parceria entre a Cidade Escola Aprendiz, a Rádio 89 FM, de São Paulo, e a Fundação Bank Boston, o Rádio Ativo dirige-se a estudantes do ensino médio, alguns deles indicados por instituições como Laramara (apoio ao deficiente visual) e Instituto Sou da Paz (prevenção da violência).

Anualmente, passam pelo programa dez jovens, que contam com a estrutura da 89 FM como ambiente de aprendizado, no qual são orientados por mais de 40 voluntários, durante o ano. A Fundação Bank Boston fornece recursos para o programa, entre os quais uma bolsa-auxílio aos jovens, para cobrir despesas de transporte e alimentação. A Cidade Escola Aprendiz faz a coordenação pedagógica do programa e elabora as atividades diárias do grupo.



capítulo sete

A empresa abre suas portas aos aprendizes

Empresas de qualquer porte e de qualquer ramo de atividade têm um papel a cumprir no Bairro-Escola. Elas podem fornecer recursos, podem criar condições para que seus funcionários e dirigentes transmitam conhecimentos a crianças e jovens, podem abrir espaço para atividades em suas instalações. E podem participar de maneira mais orgânica ainda, ajudando a formular programas, a colocá-los em prática e envolvendo neles seus parceiros de negócio.

O modelo aqui apresentado tem este propósito: abrir a empresa e sua rede de relacionamentos ao Bairro-Escola. Trata-se de criar uma forma de parceria entre ONG e empresa, que permita a esta ampliar o exercício da responsabilidade social, de forma a abarcar seus vários *stakeholders*: funcionários, acionistas, fornecedores, clientes, revendedores. É um caminho para estender sua cultura de responsabilidade social a toda a cadeia produtiva.

O Programa deste modelo tem uma grande empresa por trás, mas pode ser adaptado para que este suporte seja provido por três ou quatro pequenas e médias empresas. A ONG organizadora do Bairro-Escola, ou uma instituição educacional, responde pela implantação, pelo apoio pedagógico e pelo dia-a-dia do Programa.

Para formar empreendedores sociais

Investir em jovens interessados em desenvolver atividades que beneficiem suas comunidades, capacitando-os como empreendedores sociais. Com esse propósito, o Programa leva-os a pensar a realidade que os cerca, a trabalhar em equipe e a formular soluções lógicas e coerentes para os problemas. Prepara-os assim tanto para a atuação social quanto para o mundo do trabalho e do empreendedorismo gerador de renda.

O Programa mostra como elaborar projetos e colocá-los em prática. A empresa parceira, além de fornecer recursos para a sustentação das atividades, acompanha a execução e empenha nela suas competências e influência. Por competências entenda-se o patrimônio de conhecimentos e habilidades que os funcionários podem colocar à disposição para contribuir para a formação dos aprendizes.

Já influência compreende a rede de relacionamentos que a empresa abre aos aprendizes, facilitando contatos na busca de parceiros para cada projeto.

Os aprendizes

Estudantes do ensino médio, com idade entre 14 a 18 anos:

- Grupos - Inscrevem-se no Programa grupos de jovens, com no máximo seis e no mínimo quatro integrantes, que tenham alguma proposta de intervenção social.
- Divulgação - É necessário divulgar o Programa nas escolas, em centros comunitários, centros culturais, explicando o processo e levando os interessados a organizar seus grupos.
- Seleção - A seleção dos aprendizes é feita levando-se em conta a proposta apresentada pelo grupo - sua clareza, relevância e aplicabilidade - e também a busca de diversidade para a turma que será formada: jovens de escolas públicas e particulares, de diferentes origens sociais, heterogêneos do ponto de vista racial. Também é desejável obter diversidade nos projetos, montando-se um mix de ações voltadas a diferentes públicos-alvo.

Cada turma pode ter entre 30 e 40 aprendizes, com seis a oito grupos, cada grupo dedicando-se a um projeto. É importante proporcionar ao aprendiz uma bolsa-auxílio, capaz de cobrir custos de alimentação, transporte e outras despesas de seu dia-a-dia.

A equipe

- É desejável ter dois educadores por turma, com experiência em trabalhar com jovens e capacitados em elaboração de projetos. Havendo apenas um educador, o coordenador pode entrar em algumas atividades, nas quais a atuação em dupla seja mais necessária.
- Um coordenador designado pela organização responsável pelo Programa.
- Um facilitador designado pela empresa parceira, para acompanhar o Programa e ser o interlocutor entre este e a empresa.
- Voluntários recrutados na empresa e na comunidade, que tenham conhecimentos a transmitir do interesse do Programa e dos jovens.
- Profissionais contratados para oficinas pontuais, sobre temas importantes para a realização dos projetos nos quais os grupos de aprendizes estão trabalhando.

O sistema

Duração: Cinco a seis meses, com três encontros semanais de três horas, totalizando uma carga de 168 a 180 horas. Também é possível organizar a programação sob a forma de dois encontros semanais, por um período de seis meses, concentrando maior número de atividades no último mês, que deverá coincidir com o período de férias escolares.

Trabalho em grupo: Desde o primeiro encontro, o trabalho em grupo será privilegiado, de modo a fortalecer o espírito de equipe e a capacidade de produção coletiva. Naturalmente, o grupo-base é aquele com o qual os jovens se inscreveram, para desenvolver um projeto. Mas, em atividades sem relação direta com o projeto, é importante misturá-los, criando novos grupos, como forma de ampliar a interação da turma.

A estrutura básica de cada encontro compreende uma dinâmica de aquecimento, a apresentação do tema do dia pelo educador, seguindo-se discussões e tarefas em grupo, na linha da Pedagogia por Projetos (aprender fazendo). Ao final, a turma volta a se reunir para conclusões e reflexões coletivas, com todos os aprendizes organizados em roda.

O aprendizado: O projeto de cada grupo será o fio condutor de todo o processo de aprendizado, que inclui:

- Autoconhecimento - Os aprendizes passam por um processo de autoconhecimento, procurando identificar seu papel no mundo, suas motivações, competências e habilidades.
- Elaboração de projetos - Um roteiro sobre como elaborar projetos vai orientar todo o período de formação. O que é necessário para se fazer um projeto? Como conhecer melhor o público-alvo, levantar informações da comunidade, sistematizar estas informações? Como escrever o projeto? Como montar um cronograma, um orçamento? Como buscar parceiros? De que maneira mobilizar as pessoas que o projeto vai envolver? De que forma avaliar os resultados do projeto e planejar sua continuidade?

Ao mesmo tempo que vai descobrindo respostas a essas questões, o aprendiz é apresentado a temas fundamentais, sem os quais seu projeto ficaria desligado da realidade:

- Saúde - A abordagem de assuntos bem conhecidos dos jovens - violência, nutrição, gravidez, Aids - é o primeiro passo que leva a refletir sobre a maneira de incluir o tema saúde no projeto escolhido pelo grupo.
- Meio ambiente - A importância da variável ambiental e as oportunidades que abre ao protagonismo juvenil.
- Comunicação - Trata-se aqui de desenvolver o senso crítico em relação às informações recebidas, a partir de uma reflexão periódica sobre o noticiário de diferentes

mídias, além de desenvolver a capacidade de expressão oral e escrita.

- Cidadania e direitos humanos - Tema que perpassa todos os outros, procurando fazer com que o jovem adquira referências mais claras no campo do Direito, para se instrumentalizar melhor como cidadão e como formulador de um projeto.

Conforme o perfil dos aprendizes e a vocação do Bairro-Escola, podem-se salientar outros temas, como cultura e artes, educação, relações de consumo. Sempre que possível é importante estabelecer uma ponte entre os conhecimentos que o aprendiz traz da escola e aqueles que o Programa propõe, complementando o ensino de Português, Matemática, Ciências, História e outras disciplinas.

Oficinas: À medida que o trabalho avance em cada projeto, colocam-se necessidades de aprendizados específicos. O grupo que se prepara para alfabetizar adultos precisará de algum treinamento pedagógico; certas técnicas de teatro podem ajudar o grupo que vai contar histórias para crianças; um pouco de capoeira enriqueceria o trabalho de quem vai organizar atividades recreativas... E assim por diante.

Essas necessidades deverão ser preenchidas com oficinas específicas, dirigidas por profissionais contratados, ou por voluntários. Com certeza, funcionários da empresa parceira terão muito o que transmitir e poderão colaborar, por exemplo, com oficinas sobre como montar um fluxo contábil, ou sobre segurança e saúde ocupacional aplicada ao projeto dos aprendizes. Outras oficinas podem ser ministradas por prestadores de serviços da empresa parceira: a agência de propaganda, a empresa de eventos, a que fornece refeições etc.

Ampliando contatos: É muito importante levar os aprendizes a conhecer instituições e empresas que possam servir como modelo ou ponto de apoio a seus projetos. Isto inclui visitas a empreendimentos sociais, a fundações que apóiam projetos de interesse público, a órgãos de governo que atuam em promoção social, educação, esporte etc.

Será muito útil incluir no roteiro fornecedores e clientes da empresa parceira em visitas agendadas por esta. Trata-se não apenas de estabelecer contatos, mas também de apresentar os aprendizes e mostrar o que estão fazendo, ampliando, desse modo, o círculo de influência do Programa e reforçando o prestígio da empresa que o mantém.

Atividades externas menos focadas no projeto também são recomendáveis: passeios, teatro, museu etc. Trata-se de fazer com que o adolescente se sinta mais seguro com relação a seu bairro, a sua cidade e aprenda a utilizá-los, servindo-se dos espaços públicos sem timidez.

Envolvendo a comunidade: É fundamental estabelecer contato com a comunidade na qual a ação do grupo será desenvolvida. Primeiro, para levantar dados e informações que subsidiem a elaboração do projeto, bem como para apresentar a proposta e pedir sugestões. Depois, para mobilizar as pessoas, levá-las a participar, ajudando e recebendo bem os aprendizes.

Buscando recursos: Parte importante da programação será levar os jovens a desenvolver estratégias para conseguir parceiros e recursos que sustentem o projeto. Para tanto, vários caminhos devem ser mostrados, desde a geração de renda pelo próprio projeto até o financiamento por algum órgão público, passando por formas de obter contribuição de pessoas.

A procura de fornecedores e clientes da empresa parceira do Programa é um caminho capaz de produzir resultados bastante interessantes. Para os jovens significa abrir-lhes a possibilidade de manter contato com uma empresa e expor seus planos de maneira formal e coerente: no mínimo uma experiência importante para a formação deles. Para a empresa representa a oportunidade de se associar a um projeto viável, bem construído e que conta com apoio técnico. E para o projeto pode ser a conquista do parceiro que vai lhe dar sustentação e credibilidade.

Implantação e operação: A proposta é fazer com que a implantação do projeto e o início de sua operação venham a coroar os cinco ou seis meses de atividades dos aprendizes. Nem sempre isso é possível, o que leva a que alguns grupos necessitem receber assistência extra, focada na implantação, para além deste período.

Em qualquer hipótese, é necessário manter um acompanhamento de cada projeto pelo menos por mais seis meses. O grupo recebe então um atendimento mais espaçado, mas pode recorrer aos educadores sempre que precisar.

Algumas lições da experiência

- O sucesso de um programa desse tipo depende muito da postura participativa da empresa que lhe dá suporte e da capacidade da ONG, ou instituição educacional, de ser receptiva e estimular essa participação, evitando ver na parceira apenas sua fonte de financiamento.
- A flexibilidade dos educadores e do currículo é fundamental ao aprendizado, pois todo o processo é calcado no “aprender fazendo”, na experimentação, na criatividade, para o que é necessário estar atento às singularidades de cada grupo.
- É comum que os jovens cheguem com muita vontade de agir, pôr suas idéias em prática, e resistam ao lento trabalho de elaborar um projeto. Levá-los a compreender a importância de planejar e de expor com método o que pretendem fazer é um dos grandes desafios dos educadores.

- O momento de redigir o projeto é sempre complicado: mesmo sabendo o que fazer, o jovem tem dificuldade em expressar suas idéias por escrito. Uma oficina de redação poderá ser necessária.
- Ainda sobre a redação do projeto, uma dica aos educadores é dar pouca importância a erros de ortografia, concordância, pontuação, ou mesmo ao uso de linguagem imprópria. Sobretudo no início da redação, o aprendiz se intimida ao ver seus erros apontados e “trava”. Nessa fase, o educador deve concentrar-se em ajudá-lo a desenvolver a capacidade de concatenar idéias, deixando para tratar da correção do texto no final.

O PROGRAMA APRENDIZ COMGÁS

O modelo que foi desenvolvido neste capítulo baseia-se na experiência do Programa Aprendiz Comgás, parceria entre a Cidade Escola Aprendiz e a Companhia de Gás de São Paulo. Em atividade desde novembro de 2000, o Aprendiz Comgás capacitou até o final de 2004 cerca de 700 jovens, que desenvolveram 130 projetos de intervenção social, abrangendo temas como saúde, teatro, inclusão digital, coleta seletiva, oficinas de grafite, esportes, melhorias em escolas.

Em 2004, participaram do Programa 160 jovens, 80 por semestre. Nesse mesmo ano, foi editada uma publicação que sistematiza a experiência em detalhes e traz instru-

mentos pedagógicos. Esse material é utilizado para reeditar o programa, em parceria com a Secretaria Estadual da Educação, nas escolas de ensino médio e em outras instituições localizadas em cidades da área de concessão da Comgás, com apoio técnico da Cidade Escola Aprendiz.

É objetivo do Aprendiz Comgás tornar-se um centro de referência para educação e para jovens no bairro do Brás, onde está localizado. Para isto, vem ampliando suas atividades através de parceria com cursinho comunitário, da realização de capacitação de educadores e de projetos nos quais os jovens dão aula de informática para os idosos, nos moldes do Programa Oldnet.

capítulo oito

Novos caminhos para o adolescente
que vira adulto

Bairro-Escola é espaço de aprendizado e socialização especialmente voltado para crianças e adolescentes. E o que fazer quando o aprendiz cresce e deseja voar mais alto? Como lidar com o jovem que vai se lançar ao mundo do trabalho ou encarar a formação profissional?

Essa passagem para a idade adulta, muitas vezes traumática, também diz respeito à comunidade, que precisa abrir espaço a seus jovens nessa nova fase da vida. Portanto, é assunto para o Bairro-Escola, cuja capacidade de articulação das forças locais poderá ser fundamental para abrir ao aprendiz caminhos que ele possa percorrer, seguro de si e do que quer.

Trabalho, estudo, projeto de vida

É necessário que a organização responsável pelo Bairro-Escola mantenha atividades de caráter permanente, voltadas ao jovem que está virando adulto. Um exemplo diz respeito aos programas que liguem o jovem ao mundo do trabalho, como o descrito no capítulo VI, mas esta é apenas uma variante, entre muitas outras possibilidades. Algumas delas:

Curso pré-vestibular - Facilitar o ingresso na Universidade é ir ao encontro de uma das maiores aspirações do aprendiz nesta faixa etária, mas nem sempre será necessário que a ONG crie seu próprio curso pré-vestibular. Ela pode se articular com cursos comunitários (hoje bastante comuns nas cidades brasileiras) nos quais estudantes pobres estudam de graça ou pagam mensalidades muito reduzidas. E pode ainda usar seu prestígio para conseguir bolsas de estudo em outros cursos pré-vestibular.

Mas paralelamente será importante estabelecer formas de apoio ao estudante:

- Apoio financeiro, com parceiros capazes de fornecer uma bolsa-auxílio, para despesas diversas.
- Apoio cultural, proporcionando atividades que complementem o ensino do cursinho e evitem que o estudante se volte inteiramente para o acúmulo de informações para enfrentar o vestibular.
- Apoio vocacional, auxiliando o jovem na escolha da profissão e na definição de um projeto de vida.

Cursos supletivos - As mesmas propostas sobre preparação para o vestibular podem ser aplicadas com relação a cursos supletivos, para quem está chegando à idade adulta sem haver concluído o ensino fundamental ou o ensino médio. Caso a organização responsável pelo Bairro-Escola crie seu próprio curso supletivo, será importante utilizar jovens voluntários, participantes de outros programas, como educadores. O espírito do Bairro-Escola tem tudo a ver com esta fluidez dos papéis, que permite aprendiz ensinar a aprendiz.

Estágio, emprego - Naturalmente, as empresas parceiras devem ser estimuladas a colocar vagas de estágio ou emprego à disposição dos aprendizes. Mas também é necessário que o Bairro-Escola prepare esses parceiros para que recebam os jovens adequadamente:

- Para pequenos empresários será útil capacitação envolvendo alguns aspectos de gestão de pessoal e legislação.
- No caso de empresas maiores, o Bairro-Escola poderá capacitar funcionários voluntários para atuar como tutores do estagiário.

Incubadora - Outro importante caminho a ser aberto está no incentivo e apoio ao empreendedorismo, através de uma incubadora de projetos. Novamente aqui, o melhor caminho talvez não seja montar a própria incubadora, mas trabalhar em conjunto com alguma que já exista, cuja atuação o Bairro-Escola poderá potencializar através de iniciativas como:

- Criar um *show-room* no qual os jovens empreendedores possam expor seus produtos e serviços e fazer demonstrações. Hotéis com grandes saguões e shopping centers com corredores amplos seriam alguns dos possíveis parceiros.
- Organizar cursos, em parceria com empresas de consultoria, capazes de mostrar aos aprendizes como redigir um currículo, como fazer uma apresentação do

produto, como criar um plano de negócios. Ou, ainda, cursos que contemplem técnicas de negociação, formas jurídicas de atuação (cooperativa, microempresa, profissional autônomo), contabilidade etc.

- Estabelecer parceria com empresas de pesquisa de mercado, para que estas orientem os aprendizes sobre como pesquisar a oferta e a demanda do produto que eles querem vender.
- Mobilizar executivos de empresas que queiram assumir o papel de tutores dos novos empreendedores, atuando como voluntários.
- Procurar abrir a cadeia de suprimentos de empresas parceiras aos produtos e serviços dos jovens, em áreas como manufatura de brindes para os clientes, animação de festas de fim de ano, ou até mesmo criação de pequenas peças de divulgação.

Para além da profissão - O encaminhamento profissional não é o único viés a considerar, quando se pensa no jovem que vira adulto. No capítulo VII, por exemplo, descreve-se um modelo de programa voltado para a formação de empreendedores sociais e, como este, outros campos de atividades, sem ligação direta com profissão, também abrem trilhas importantes.

Temas como meio ambiente, cultura ou defesa de direitos (minorias, relações de consumo, direitos humanos...) podem dar origem a programas capazes de ajudar o aprendiz a definir seu projeto de vida. Tudo vai depender da vocação local, que, em última instância, é o que determina o tipo de parceiro disponível, as competências, os conhecimentos e interesses. Cabe ao Bairro-Escola articular tudo isso.

O acompanhamento

O fato de encaminhar o jovem a outras atividades, fora da ONG responsável pelo Bairro-Escola, não significa deixá-lo à própria sorte. Esteja ele empregado ou fazendo um curso em outro ponto da cidade, cabe manter algumas formas de acompanhamento, para poder orientar tanto a ele quanto ao parceiro que o acolheu.

Para que esse acompanhamento seja o mais proveitoso possível, é desejável que a ONG disponha de profissionais capazes de ter, ao mesmo tempo, um olho no processo educativo e outro na articulação de parcerias. Ou seja, que estejam atentos tanto aos aspectos de formação do jovem quanto ao relacionamento com o parceiro e a eventuais oportunidades de novas ações conjuntas.

Centro de convivência e informação

É importante dirigir as ações no sentido de tornar o aprendiz cada vez menos dependente da estrutura do Bairro-Escola, ao mesmo tempo que se procura reforçar os vínculos com ele. Ou seja, ele se faz mais e mais autônomo, mas continua tendo o Bairro-Escola como um centro de referência, socialização e convivência.

Aos poucos vai deixando de ser aprendiz, mas continua participando de atividades culturais ou esportivas, encontros, confraternizações. E também passa a atuar como voluntário junto aos novos aprendizes, levando para eles seus conhecimentos, competências e habilidades, em um processo capaz de perpetuar a proposta de utilização dos potenciais educativos da comunidade.

Para que isso realmente funcione, é preciso fazer com que o Bairro-Escola seja também um centro de informações e oportunidades. Ou seja, que nele, por exemplo, o jovem recém-admitido na Universidade encontre indicações sobre instituições que fornecem bolsa de estudo, sobre cursos de seu interesse, sobre estágios. Ou, então, que o jovem já empregado conheça empresas parceiras, com propostas mais adequadas ao seu perfil.

Parte disso vai acontecer de maneira informal: como centro de convivência, o Bairro-Escola fica sendo o lugar “onde se sabe das coisas”. Mas será necessário ter também instrumentos formais de divulgação de informações. Uma bolsa de empregos e estágios. Um mural com oportunidades de cursos e especializações. Um site na internet que ensine como se inscrever para o Crédito Educativo e outros canais semelhantes.

O PROGRAMA CONEXÃO APRENDIZ

Uma interessante experiência é o Programa Conexão Aprendiz, que resultou de uma parceria entre a Cidade Escola Aprendiz e o Centro de Profissionalização de Adolescentes Padre Bello, com apoio financeiro do Banco JP Morgan. Criado em 2003, o Conexão Aprendiz é um núcleo cujo papel é facilitar a inserção de adolescentes no mercado de trabalho, através da Lei de Aprendizagem, promulgada pelo governo federal brasileiro em dezembro de 2000.

Foi formada uma equipe de dez adolescentes (cinco de cada ONG participante do Programa) que se dedica a divulgar a Lei e estimular sua aplicação. A principal atividade do grupo, que recebe acompanha-

mento pedagógico e técnico, é alimentar o site Conexão Aprendiz, que traz informações sobre o tema e abre espaço para as empresas divulgarem suas vagas para adolescentes.

De acordo com a legislação, as empresas brasileiras são obrigadas a admitir meninas e meninos com idade entre 14 e 18 anos incompletos, na proporção mínima de 5% de seu quadro de pessoal, para programas de educação pelo trabalho. Paralelamente, o adolescente é capacitado em instituições que disponham de programas de aprendizagem, que também passam a acompanhar o treinamento que ele recebe na empresa.

• www.conexaoaprendiz.org.br

ABRINDO TRILHAS NA VIDA

Sob a denominação Trilhas na Vida, a Cidade Escola Aprendiz engloba seus programas e atividades voltados para o adolescente em transição para a idade adulta. A idéia é pensar esses programas e atividades de forma integrada, agrupando competências e definindo estratégias para ações diferentes, mas com um objetivo comum: abrir trilhas por onde o jovem possa transitar mais facilmente nesta fase.

Um desses programas é o Curso Pré-Vestibular, em parceria com a Fundação Instituto de Administração (FIA) e o banco JP Morgan. As aulas são ministradas por estudantes da Universidade de São Paulo (USP), à qual pertence a FIA, em espaço administrado pelo Aprendiz. O JP Morgan dá apoio financeiro, o que inclui bolsa-auxílio, alimentação e transporte para os jovens. A Cidade Escola Aprendiz complementa as aulas com atividades culturais.

Muitas trilhas são abertas para emprego, estágio e aprendizado com parceiros do Aprendiz. O ator Antônio Nóbrega forma arte-educadores em seu Espaço Brincante. Um restaurante do bairro forma chefes de cozinha. Oportunidades surgem nas áreas de moda, beleza, design gráfico, artesanato. Para estreitar relacionamentos e avançar mais ainda esse processo, foi criada a Vitrine Aprendiz, um espaço na ONG onde parceiros como estes podem expor seus produtos e serviços.

Uma parceria muito importante é com a Teletech, empresa de telemarketing – setor que atualmente é grande gerador de empregos. Através da Teletech, jovens são capacitados como atendentes de telemarketing, em curso realizado na sede do Aprendiz e complementado por treinamento nas instalações da empresa.



capítulo nove

Somando esforços, articulando vontades

Toda a concepção do Bairro-Escola apóia-se em mobilizar a comunidade e em buscar recursos e competências nela, para o que é fundamental atrair e manter voluntários. É através deles que o bairro efetivamente vai participar e se apropriar das propostas educativas. Voluntários podem estar na linha de frente, como líderes e animadores, ou podem colaborar nas operações e processos educativos. Em qualquer função, vão sempre dedicar tempo, trabalho, talento e emoção ao Bairro-Escola.

No entanto, como proposta que ambiciona crescer e se estabelecer em caráter permanente, o Bairro-Escola não pode prescindir de um corpo funcional, remunerado, que inclua especialistas em diferentes áreas, pessoal administrativo e outras funções de apoio. É o corpo funcional que suporta a estrutura, traz profissionalismo e garante o funcionamento regular e contínuo.

Choques, ciúmes e incompreensões entre voluntários e pessoal remunerado são bastante comuns. Para administrar adequadamente situações como estas é fundamental compreender a importância e o papel dos dois grupos e ter clareza que operar com voluntários dá trabalho. Assim como é necessária uma gestão de pessoal, voltada para os funcionários, também é necessária uma gestão de voluntários, que contemple especialmente os seguintes pontos:

- Integração - Voluntário precisa ser recebido, apresentado, orientado. Precisa ter tarefas claras, em horários definidos, adequados ao tempo que ele se comprometeu a dedicar à organização.
- Capacitação - Primeiro o voluntário precisa conhecer o arcabouço conceitual do Bairro-Escola, depois precisa ser preparado para o tipo de tarefa que vai executar e conhecer como ela se liga às demais atividades. Mesmo um brilhante artista

plástico, por exemplo, precisará receber alguma capacitação em pedagogia antes de começar a trabalhar com os aprendizes.

- **Avaliação** - Voluntário também precisa ser avaliado quanto a diferentes aspectos de seu desempenho: assiduidade, competência, adequação etc. Naturalmente, dispensar um voluntário pode ser um tanto traumático, de modo que antes de fazê-lo é indispensável tentar outras soluções: uma recapacitação, mudança de tarefa, mudança de equipe etc.
- **Reconhecimento** - Reconhecer a dedicação do voluntário, valorizá-lo, ajuda a satisfazer sua auto-estima e é fundamental para realimentar seu espírito solidário. O reconhecimento, em última instância, consiste em agradecer o trabalho que ele faz e isso precisa ser feito no dia-a-dia, de maneira informal, sobretudo tratando-o como um amigo querido. Mas as maneiras formais de reconhecimento também são importantes: diplomas de participação, reportagem no jornal da organização, um evento anual de conagração etc.

Voluntariado e empresa - Empresas parceiras serão ainda mais parceiras se seus funcionários participarem como voluntários do Bairro-Escola. Hoje, elas estimulam cada vez mais e apóiam a atuação dos empregados em causas sociais, prática que começou nos países anglo-saxões e se espalhou pelo mundo. No Brasil, essa prática é conhecida como voluntariado empresarial, tradução do inglês *corporate volunteerism*.¹ A junção do programa de voluntariado da empresa com o Bairro-Escola pode abrir as portas a uma colaboração muito vantajosa para ambas as partes:

- Para o Bairro-Escola será uma maneira de absorver conhecimentos que a empresa aplica em seus processos, com a vantagem ainda de tratar com voluntários que chegam em grupos, cuja gestão é mais fácil do que a dos voluntários que vêm individualmente.
- Para a empresa, ter no Bairro-Escola um parceiro capaz de absorver seus voluntários será uma garantia de sucesso do programa de voluntariado.

Termo de Adesão - É aconselhável que, ao admitir um voluntário, a organização responsável pelo Bairro-Escola lhe peça que assine um Termo de Adesão, deixando claras as tarefas a serem executadas e a natureza não remunerada do trabalho. No Brasil, o Termo

¹ Para maiores informações sobre voluntariado empresarial consultar Galiano, Mónica Beatriz e Medeiros Filho, Barnabé. *Voluntariado na Empresa*. Editora Peirópolis, 2002. A obra tem versão em inglês com o título *Isto dá Samba Corporate Volunteerism The Brazilian Way*. Civil Society Press, 2004

de Adesão é previsto em lei e serve para proteger as organizações sociais de eventuais demandas judiciais de ordem trabalhista.

Mais informações sobre a Lei do Serviço Voluntário e o Termo de Adesão:
<http://www.civilsociety.biz/iniciativabrasil>

As parcerias

As propostas do Bairro-Escola implicam estabelecer parcerias com instituições, com outras ONGs, com empresas e órgãos públicos. Parcerias representam economia de recursos, de tempo e melhor aproveitamento das experiências, pois evitam que cada um tenha de “reinventar a roda”. Mas convivência entre parceiros nem sempre é tarefa fácil.

- Reais parcerias só existem entre atores que se colocam em pé de igualdade um perante o outro. Não pode ser uma relação na qual um dos parceiros pede e o outro concede, mas um arranjo pelo qual cada parceiro oferece ao outro a oportunidade de ampliar, melhorar, aprofundar a atuação de ambos.
- Parcerias precisam ser construídas a partir da definição de uma causa comum e de uma agenda de colaboração, na qual cada parceiro entra com aquilo que tem mais ou que sabe fazer melhor.
- Mesmo empresas e entidades financiadoras (fundações, órgãos públicos de fomento) não aceitam mais o papel de simplesmente custear o empreendimento social. Querem ser parceiras, participar da construção, colaborar na operação, influir nas decisões.
- Parcerias precisam ser alimentadas sempre, com paciência, capacidade de negociação e disposição para ceder em aspectos não essenciais. Não se fazem parcerias sem respeito mútuo e sem uma boa dose de humildade de parte a parte.
- Não há mais lugar para imposições da empresa que quer que sua vontade prevaleça por deter os recursos financeiros e os melhores métodos de gestão.
- Também não há mais lugar para a presunção da ONG que se julga única conhecedora do assunto, não quer interferência em seu trabalho, é avessa a controles e avaliações.

As alianças estratégicas

Parceria se faz entre atores que se complementam, mas concorrentes também podem colaborar uns com os outros. Neste caso trata-se de uma aliança estratégica. A Star Alliance, que é a maior rede global de serviços aéreos, reunindo companhias como Varig (Brasil), United (EUA) e Air Canada, é um exemplo bem conhecido de aliança estratégica no mercado comercial.

Na área social, também há concorrência, neste caso entre ONGs e instituições que executam projetos semelhantes e buscam recursos, reconhecimento, visibilidade. Mais ainda que no mercado comercial, este é um campo propício para alianças estratégicas, apesar de algumas entidades do chamado terceiro setor ainda insistirem na competição, no ciúme e em pequenos boicotes.

O Bairro-Escola, em seu âmbito de atuação, pode ser um articulador de alianças estratégicas, em benefício de crianças e adolescentes. Trata-se de reunir entidades com atuação semelhante e propor-lhes somar esforços, com objetivo de:

- Evitar a duplicidade de papéis.
- Melhorar a qualidade e ampliar a abrangência das ações.
- Apresentar projetos conjuntos às instituições financiadoras nacionais e internacionais.²

As redes

O Bairro-Escola também pode articular redes, ampliando assim a integração dos vários atores que envolve em suas propostas e potencializando a capacidade de atuação em prol da causa comum. Ao invés de uma comunicação centralizada na ONG responsável pelo Bairro-Escola, todos falam com todos e colaboram com todos: voluntários, instituições, empresas, órgãos de governo, entidades de classe.

O crescimento da internet e sua popularização facilitaram muito a formação de redes, mas a rede não pode ser confundida com o instrumento que a suporta. Ela é um sistema de relacionamento, sem hierarquia, que permite a troca de informações e a colaboração entre organizações e pessoas. Exige mais do que a internet para continuar existindo, sendo importante propiciar contatos pessoais entre os participantes. Algumas alternativas:

- Organização de eventos sociais para que todos se encontrem.
- Ciclos de palestras, atividades culturais.
- Programação de atividades conjuntas. Por exemplo, um dia anual de ações voluntárias no bairro, com envolvimento das diversas organizações.

² Para maiores informações sobre sociedades e alianças estratégicas consultar: FONTES, Miguel. Marketing Social Revisitado. Cidade Futura. Florianópolis, 2001.

Núcleo de discussões

Criar algum tipo de organismo formal ou informal para apoiar o Bairro-Escola é muito importante para manter unidas e atuantes as diversas forças que se consegue mobilizar. Pode ter o nome pomposo de Conselho Consultivo, ou chamar-se Grupo de Amigos dos Aprendizes, ou ainda não ter nome algum, mas apenas o hábito de se reunir todo mês em um café da manhã. O importante é que as pessoas se encontrem, conheçam as atividades do Bairro-Escola e discutam seus rumos.

Os organizadores do Bairro-Escola e o diretor da escola (ou o pedagogo comunitário) serão presenças imprescindíveis. Além destes, poderão comparecer representantes da associação de lojistas, da Regional da Prefeitura, da cooperativa, da fábrica, da rádio, da escola de samba, da delegacia de polícia, do posto de saúde... e quem mais estiver apoiando.

Se as conversas e arranjos forem além dos assuntos relacionados ao Bairro-Escola, tanto melhor. Significa que se conseguiu construir um núcleo capaz de discutir e articular soluções para os problemas do bairro, tendo como elemento unificador a educação, que, aliás, nunca está desligada das demais questões.



capítulo dez

A Cidade Escola Aprendiz: seus
caminhos e conexões

No princípio era o site, que virou muro, que virou beco e praça, que virou Bairro-Escola. Desde 1997, quando começou a nascer, a Cidade Escola Aprendiz tem se dedicado a fazer conexões. Estejam elas no ciberespaço ou no mundo concreto, a missão é uma só: o aprimoramento simultâneo da comunidade e da educação.

Tudo começou com um website sobre temas de interesse dos jovens, no qual colaboravam alunos do tradicional Colégio Bandeirantes e de três escolas públicas de São Paulo, sob orientação de jornalistas e educadores. A iniciativa foi do jornalista Gilberto Dimenstein, colunista da Folha de S.Paulo e ex-diretor da Sucursal de Brasília do mesmo jornal, um dos mais importantes diários brasileiros.

Ainda em 1997, Dimenstein encarava outra empreitada educativa: o livro *Aprendiz do Futuro: Cidadania Hoje e Amanhã* (Editora Ática). Coletânea de textos do próprio Dimenstein e de outros autores, adaptados para uso em sala de aula, o livro procura mostrar ao estudante do ensino médio os desafios e oportunidades que o aguardam: as novas tecnologias, o desemprego, a globalização, a violência, o terceiro setor, a Aids...

O Bairro - No ano seguinte, aquele grupo de pessoas que se reunia sob o nome “Projeto Aprendiz” ganhou sua primeira sede e com ela começou a se estruturar como ONG. Começou também a se vincular mais à Vila Madalena, um bairro de 20 mil habitantes no qual uma população de classe média, com grande representação de artistas, designers e artesãos sofisticados, se mistura aos moradores de cortiços e de duas pequenas favelas.

Um dos primeiros programas da ONG foi o “Design Social”, no qual adolescentes complementavam o que aprendiam na escola com atividades práticas. Na linha da Pedagogia por Projetos, tudo devia gerar produtos: sites na internet, fanzines, programas de rádio.

Dessa iniciativa derivou o “Oficina de Sites”, que dava aos jovens a missão de construir websites para instituições. Uma tribo xavante, uma associação de catadores de papel e uma organização de mulheres negras foram algumas das instituições atendidas por eles, entre 1999 e 2002.

Os muros - O estilo do bairro levaria “o pessoal do Aprendiz” (como o grupo

era conhecido) a escolher a arte como uma de suas vertentes. Foi assim com o Projeto 100 Muros, que entre 1999 e 2001 agitou São Paulo, chamando a atenção para a Cidade Escola Aprendiz. O aprendizado de jovens e crianças havia se voltado para a composição de painéis, com azulejos decorados, bolas de gude, desenhos... Foi então estabelecida a meta de montar 100 destes painéis na Vila Madalena e em bairros próximos.

Além de atividade voltada ao aprendizado, o Projeto 100 Muros era também uma forma de mobilização social. A montagem de cada painel convertia-se em um evento, com a população sendo convidada a participar, cada pessoa deixando sua marca no muro. Era também uma maneira de ajudar a revitalizar espaços públicos, pois a participação dos moradores no processo fazia com que eles se apropriassem da área, passando a preservá-la.

O Muro nº 1, montado em frente à sede da Cidade Escola Aprendiz, foi o marco inicial de um processo de revitalização da rua. Ao lado dele nasceu a Praça Aprendiz das Letras, com ipês e primaveras onde antes havia um terreno baldio que servia como depósito de lixo. Pelo mesmo processo de recuperação passou o beco que saía deste terreno: virou espaço de experimentação para grafiteiros e recebeu o nome de Beco Escola.

Comunicação e arte - O Design Social (e depois o Oficina de Sites), junto com o Projeto 100 Muros, definiu o caminho que a ONG iria tomar em seu trabalho com jovens, crianças e com a comunidade. A educação pela comunicação, conjugada com a arte-educação, ambas se completando com a mobilização social.

Com o tempo, trilhas foram abandonadas e outras se abriram, tanto virtuais quanto no mundo real. O site www.aprendiz.org.br deixou de ser feito por estudantes, para virar veículo especializado em educação, capaz de gerar receita para a Cidade Escola Aprendiz, da qual também é porta-voz. O Programa Oldnet trouxe os idosos (ver capítulo IV). O 100 Muros tornou-se uma das estratégias do Programa Trilhas Urbanas (capítulo III). A praça virou espaço de aprendizado para crianças e lugar de eventos. Um cursinho pré-vestibular foi criado para atender os aprendizes que queriam entrar na faculdade.

A escola - A busca da diversidade entre os aprendizes tem sido uma constante nos vários programas, que procuram, sobretudo, mesclar alunos de escolas públicas e de escolas particulares. A idéia é estabelecer formas de contato entre crianças e adolescentes diferentes, pois o aprendizado também se dá através da convivência entre os aprendizes.

Há barreiras de parte a parte. Nas escolas particulares, nem todos os pais vêm com bons olhos que seus filhos ingressem em um “programa social”. Nas públicas, a maior dificuldade é a rotatividade de diretores e professores. Parcerias com as secretarias de Educação (do município e do Estado), que fazem com que a ONG chegue na escola pública com o aval das autoridades educacionais, têm ajudado na continuidade dos trabalhos, mesmo quando o diretor é transferido.

Mas o entusiasmo dos adolescentes costuma ser o fator mais importante, quando se trata de trabalhar com a escola. Foi assim na Escola Estadual Godofredo Furtado, que teve alguns alunos participando da Oficina de Sites. Esses jovens, inconformados com o fato de o laboratório de informática da escola permanecer fechado porque os professores não sabiam operar os computadores, criaram o grupo Os Inconformáticos. Com o apoio dos educadores da ONG, eles organizaram cursos de informática para seus colegas e para os professores, viabilizando a abertura da sala de informática.

Escola de samba - A Cidade Escola Aprendiz tem sido um laboratório de experiências pedagógicas, alimentado pelas conexões que estabelece. O músico e pesquisador Antônio Nóbrega abriu seu teatro aos aprendizes. Um centro de terapia e massagens ofereceu-se a dar cursos para melhorar o equilíbrio das crianças e seus familiares. Artistas circenses se prontificaram a ensinar malabares...

São muitos os exemplo de como a ONG se liga ao bairro. Mas as conexões vão muito além, envolvendo organismos internacionais (UNICEF, UNESCO), grandes empresas, fundações, faculdades, veículos de comunicação. São mais de 50 parceiros, desde pequenos doadores até bancos e empresas de telecomunicações.

Isso permite manter uma equipe profissional, incluindo a Agência Aprendiz, fundamental à sua sustentabilidade. Trata-se do núcleo responsável pela comunicação, criação de produtos, marketing e relacionamento com os parceiros.

Em quase oito anos de existência, conexões multiplicam-se às vezes para além do tema educativo. Foi assim com a gênese da Associação dos Lojistas de Vila Madalena, que para sair do papel teve o apoio da Cidade Escola Aprendiz, em cuja sede funcionou em seus primeiros tempos. Mas a prova definitiva do enraizamento local viria no Carnaval de 2004, quando a ONG e seus aprendizes foram tema da Pérola Negra, a escola de samba do bairro.

ficha técnica do livro

AUTORES: Barnabé Medeiros Filho e Mónica Beatriz Galiano atuam como consultores em estratégias de comunicação e mobilização, voluntariado e responsabilidade social. Além desta obra, também assinam: Voluntariado na Empresa: Gestão Eficiente da Participação Cidadã (SESI-MG/Editora Peirópolis) e Como as Empresas Podem Participar de Programas de Segurança Alimentar com a Mobilização dos Funcionários (Instituto Ethos).

Mais informações sobre os autores: <http://www.civilsociety.biz/iniciativabrasilv>

SUPERVISÃO DO REGISTRO

DA EXPERIÊNCIA

Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança e do Adolescente
UNICEF

COORDENAÇÃO GERAL

Yael Sandberg Esquenazi

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Casa Redonda Produções
Fundação Educar DPaschoal

REVISÃO

Maria Luiza Xavier Souto

DIREÇÃO DE ARTE

Casa Redonda Produções/
PMatallo Design

FOTOGRAFIAS

As fotografias deste livro foram gentilmente cedidas pelos fotógrafos Bob Wolfenson, Peetsa e Lucila Wroblewski.

IMPRESSÃO

Gráfica Editora Modelo LTDA.

CIDADE ESCOLA APRENDIZ

PRESIDENTE

Miguel Pereira Neto

VICE-PRESIDENTE

Gilberto Dimenstein

CONSELHO DIRETOR

Anna Penido Monteiro
Laura Brasileiro de Melo
Cenise Monte Vicente
Marcelo Cardoso
Oscar Vilhena Vieira
Paulo Roberto Sposito de Oliveira
Wagner Antonio Santos

DIRETORIA PEDAGÓGICA

Gilberto Dimenstein
Yael Sandberg Esquenazi

PROFISSIONAIS

Adriano Enache, Alda Beraldo, Alda Ribeiro, Alexandre José da Silva, Alexandre Le Voci Sayad, Alice Jimenez, Ana Cláudia de Almeida, Ana Maria Rocha Araujo, Ana Paula Oliveira da Fonseca, Ana Silvia Rotschild, Ana Valeria de Loila, Andrea Bivar, Andressa Munick Bastos de Oliveira, Anne Halembeck, Antonio Marcos

Pires Gil, Ariane Leal Montouro, Arir Osvaldo Lemos de Aquino, Armidia Oliveira Silva, Camilla Mayeda Araki, Carlos Eduardo Alves Costa, Cassia Gisele Costa Ribeiro, Cecilia Helena Ferreira Faria (Citena), Célia Pecci, Celina Pereira de Oliveira. Celso Murilo Bombonati, Cezar Dias, Cezar Chloé Siqueira, Cintia Salva, Cíntia Sento Sé, Ciro Schunemann, Claudia Henríquez Frasão, Claudia Moreno Donega, Clayton Figueira Fidelis, Cristiano Fernandez, Cristina Veiga, Danilo Fassarella Fraga, Danilo Liziero, Dário dos Santos Souza, Davi Tavares, David dos Santos, Decio Machado de Jesus, Deise Neves Alves, Eder Carlos Navarro Hernandez, Edison Ribeiro Lemos, Emanuela Rodrigues, Esmeralda Do Carmo Ortiz, Estela Maria Barbieri, Eugênio César, Pedroso dos Santos, Eymard Ribeiro, Fabiana Teles dos Anjos, Fabio Gomide Florentino, Fernanda Bastos, Fernanda da Silva Amaranante, Fernanda Saguas Presas, Francinei Umbelino Soares, Francisco Linares, Gabriel Lima,

Geraldo Vieira, Gilberto Batista de Souza, Gilberto Vieira da Silva, Gildásio Nascimento Pimentel, Giovani Schiavini, Gisela Cury, Grasiela dos Santos Cardoso, Izabel Madureira Marques, Ismaelly da Silva Andrade, Jade Gouveia, Jorge Gonçalves Pereira, José Americo Sampaio Neto (Zelito), José Batista do Canto, José Vasconcelos Almeida Prado, Josias da Silva Adão, Josuel dos Santos, Judith Terreiro, Karen Harari, Karina Costa, Leila Ribeiro Lemos, Lia Roitburd, Lili Julia Sandberg, Lillian Roizenblit, Lorena Moreira, Luciana Faria Alves da Silva, Luciana Puglise de Paula Souza, Luciano Nakata, Luciene Batista da Silva, Luis Francisco V Silva (Duico), Luiz Fernando Halembeck, Madalena de Castro Pereira, Marcia Borges, Marcio Tanabi, Maria da Conceição de Souza, Maria Fernanda Salles, Maria Gisela Gerotto, Maria Julia Azevedo Gouveia, Mariana Fajmold Costa, Mariana Galo, Marília Gabriela da Silva, Marina Rosenfeld, Marisa da Silva Neves, Marisa de Souza, Mary Gelman, Mathiza Cirilo Passos Faria, Michel Isaac Metzger, Monica Alves dos Santos, Natacha Costa, Neil Ferreira Paula, Noranei Pereira de Jesus, Otho Garbers Elias Pereira, Paulo Marco de Campos Gonçalves, Pedro Campos, Pedro Micheli Arantes, Priscila Albino, Rafael Calazans, Rafael França, Raimunda Alves dos Santos, Raysa Winnie da Silva Aguiar, Renata Carneiro Cunha, Renato Izabela, Ricardo Ribeiro de

Carvalho, Rodrigo Alexandre Zavala, Ronaldo Beloti (Magrão), Rubens Vianna, Sandra Nunes, Saulo Bianchini, Scharleny Schawarnbach, Sérgio Miguel Franco, Silvia Galesso, Solange Costa Ribeiro

COLABORADORES

Antonio Gois
Fernando Rossetti
Frederic Litto
Gabriela Athias
Gilberto Nascimento
Gilson Schwartz
João Paulo Ribeiro
Joelmir Beting
José Pastore
Rubem Alves

VOLUNTÁRIOS

Gabriela Fongaro Souza Leite
Fernando Darcie
Jorge Assumpção
Maria Gabriela Rolim
Mariana Lotufo
Patrícia Lima
Rosely Anastácio
Silvia Terepins
Thaiza Azevedo
Vivian Weil
Viviana Packer
Vladimir Iglesias Filho

PARCERIAS

INSTITUTOS E FUNDAÇÕES

FIA - USP
Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança e do Adolescente
Fundação BankBoston
Fundação Bradesco
Fundação Educar DPaschoal
Fundação Itaú Social
Fundação Orsa
Fundação Roberto Marinho

IMPAES – Instituto Minide Pedroso de Arte Educação
Instituto Paula Souza
Instituto Ayrton Senna
Instituto C&A
Instituto Camargo Corrêa
Instituto Sangari
Instituto Vivo
ONG - Capital Brasileira da Cultura

ORGANISMOS INTERNACIONAIS

MIT
MUSEU DE CIÊNCIAS DE BOSTON
UNESCO
UNICEF

EMPRESAS

Alumini
Aveia Ferla
Benedict
Cel Lep
Central de Intercâmbio de Viagens
Comgás
Concrejato
Diageo
Eagle's Fligth
Fiat
Home by Odila
Intel
Lacaz Martins, Halembeck, Pereira Neto, Gurevitch
Advogados Associados
Litodesign
Livraria Cultura
Medial Saúde
Microsoft
Movicarga Logística Industrial
Multimedia Café
Nathan Assessoria
Netsolutions
Orbitall
Pop Com
Santana Screen
Teletech

Terepins/Kalili Eng. e Const. Ltda.
Têxtil Matec
Tiffany & Co
TIM
Top Clip
Unilever

INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS

Banco JP Morgan
Banco Real
HSBC
Santander – BANESPA

ESCOLAS E UNIVERSIDADES

Centro Universitário Belas
Artes de São Paulo
Colégio Bandeirantes
Colégio Santa Cruz
Fundação Armando
Álvares Penteado - FAAP
UNICAMP
Universidade Anhembi Morumbi
Universidade de São Paulo - USP
LESTE

PODER PÚBLICO

Secretaria de Educação do Estado
de São Paulo
Secretária Municipal de Educação - SP
Secretaria Municipal do Trabalho
da Cidade de São Paulo - PMSP
Secretaria de Esporte, Lazer
e Recreação - PMSP
Sub-Prefeitura de Pinheiros - PMSP
Secretaria do Patrimônio, Ciência,
Cultura e Turismo de Olinda
Secretaria do Planejamento
Estratégico de Olinda
Secretaria Municipal de Educação
da Cidade de Praia Grande
Secretaria Municipal de Educação
do Taboão da Serra
Secretaria Municipal de Educação do
Município de São Bernardo do Campo
Sub Prefeitura da Sé - PMSP

APOIADORES

89 FM , A Rádio Rock
Accenture
AMP Galaxy
Associação da Vila Madalena
Biscoitos Itamaraty
Bolachas Decoradas Fernanda
Ribeiro
Coca-Cola Femsa S.A.
Conexão com o Futuro
CW - Consultoria
Datterra Café
Doutores da Alegria
E-consulting
Jatobá
Johnson & Johnson
Moinho Paulista Ltda.
Pincéis e Rolos Tigre
Press Kit
Rádio Brasil 2000
Restaurante Astor
Revista Educação
Ripasa S.A Celulose e Papel
São Paulo Alpargatas
TBWA
Terco
Theatro Municipal de São Paulo -
Central de Produção
Tok&Stok
Unimalhas Confeções Ltda
Unisys Brasil Ltda
Uranet

PESSOAS FÍSICAS

Alex Zabzon
Ana Soares
Bob Wolfenson
Daniel Trench
Francisco Trídico
Isay Weinfeld
Miguel Srougi
Monica Eichinger
Valéria de Lima Menezes
Washington Martins
Washington Olivetto

SINDICATOS

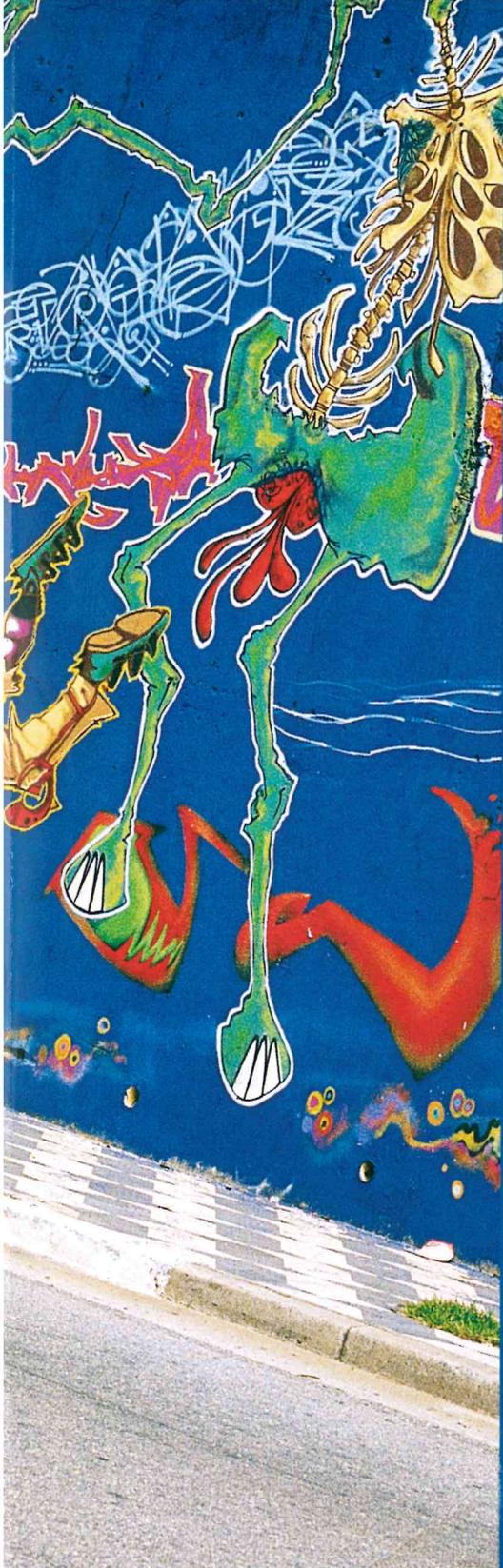
SIEEESP - Sindicato dos
Estabelecimentos de Ensino
do Estado de São Paulo

ENTIDADES

Serviço de Apoio às Micro e
Pequenas Empresas - SEBRAE

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Leograf e à
Caleidoscópico pelo apoio
na impressão da edição
inglês/espanhol.



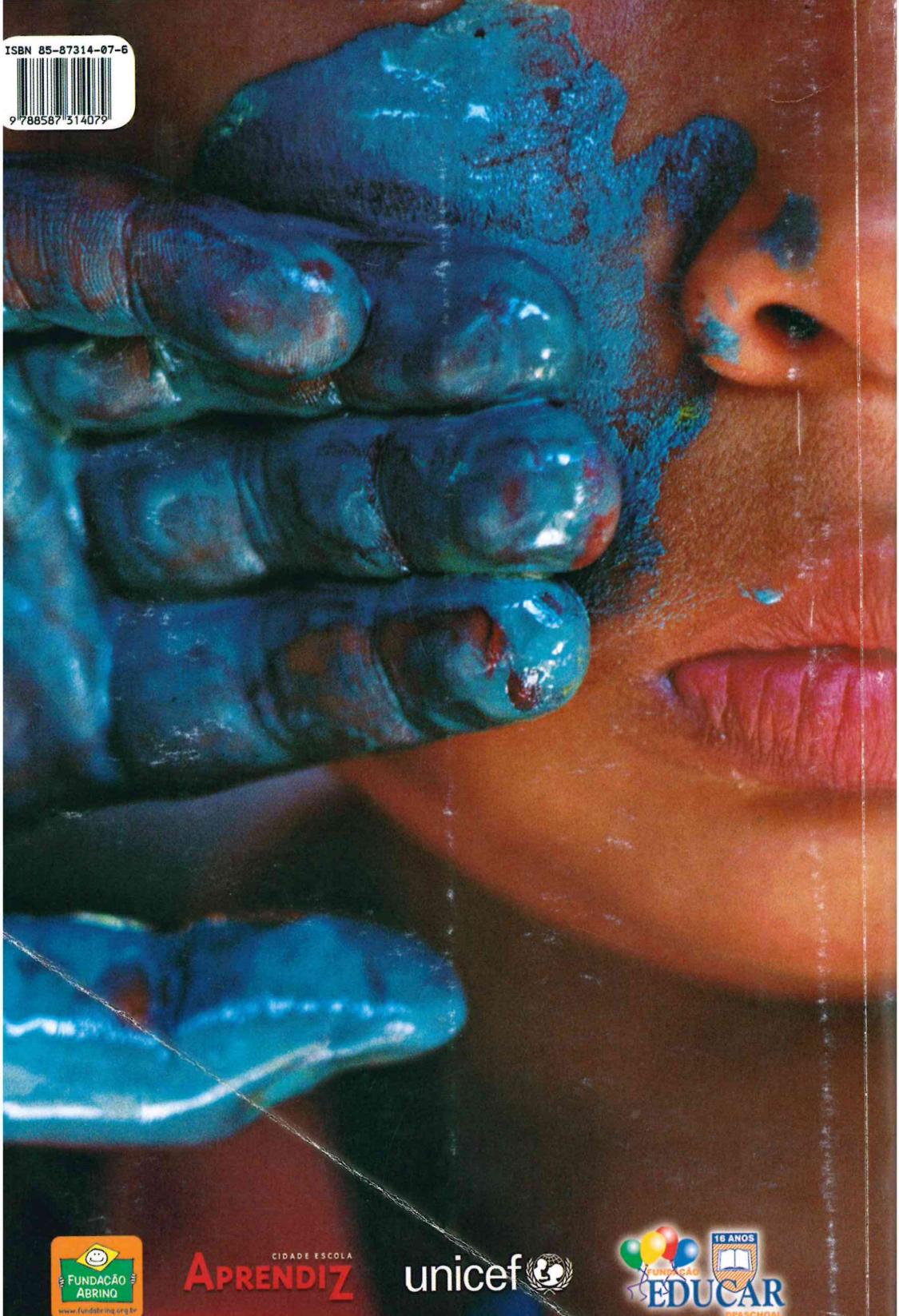
Depois de oito anos de experimentações e pesquisas realizadas pela Cidade Escola Aprendiz, USP e a Unicamp começaram, em 2005, a disseminar o bairro-escola em programas de formação de diretores e professores das redes estaduais e municipais de São Paulo. As cidades de São Paulo, Praia Grande, São Bernardo do Campo e Taboão da Serra decidiram implementar a figura do professor comunitário para criar e administrar trilhas educativas no bairro e na cidade, integradas à escola. A experiência deverá estender-se, em 2006, para a cidade de Olinda, em Pernambuco.

Miguel Pereira Neto
Presidente da Cidade Escola Aprendiz

ISBN 85-87314-07-6



9 788587 314079



CIDADE ESCOLA
APRENDIZ

